

UNIVERSIDADE PAULISTA - UNIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
MESTRADO

O TELEJORNALISMO E SUA RELAÇÃO COM A
EDUCAÇÃO E A FORMAÇÃO DA CIDADANIA: uma
análise dos programas *Jornal Futura* e *Como Será?*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

CARLOS ROBERTO CORDEIRO

SÃO PAULO
2016

UNIVERSIDADE PAULISTA - UNIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
MESTRADO

O TELEJORNALISMO E SUA RELAÇÃO COM A
EDUCAÇÃO E A FORMAÇÃO DA CIDADANIA: uma
análise dos programas *Jornal Futura* e *Como Será?*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, para obtenção do título de Mestre em Comunicação, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Fernanda Maurício da Silva.

CARLOS ROBERTO CORDEIRO

SÃO PAULO
2016

Cordeiro, Carlos Roberto.

O telejornalismo e sua relação com a educação e a formação da cidadania: uma análise dos programas Jornal Futura e Como Será? / Carlos Roberto Cordeiro. - 2016.

103 f. : il. color. + CD-ROM.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2016.

Área de Concentração: Telejornalismo e Educação.

Orientadora: Prof.^a Dra. Fernanda Maurício da Silva.

1. Jornal futura. 2. Como será?. 3. Educação. 4. Cidadania.
I. Silva, Fernanda Maurício (orientadora). II. Título.

CARLOS ROBERTO CORDEIRO

**O TELEJORNALISMO E SUA RELAÇÃO COM A
EDUCAÇÃO E A FORMAÇÃO DA CIDADANIA: uma
análise dos programas *Jornal Futura* e *Como Será?***

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Comunicação da
Universidade Paulista – UNIP, para
obtenção do título de Mestre em
Comunicação.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

_____/____/2016.
Profa. Dra. Fernanda Mauricio da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

_____/____/2016.
Prof. Dr. Gustavo Souza da Silva
Universidade Paulista – UNIP

_____/____/2016.
Profa. Dra. Maria Aparecida Baccega
Escola Superior de Propaganda e Marketing (USP)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente ao meu Deus, Senhor do Universo, razão de minha existência e inspiração.

Agradeço à minha amada família, esposa Ana Cláudia e filhos maravilhosos Gabriel e Guilherme, meu tesouro particular, pela paciência e tempo dividido com a produção deste trabalho.

Também aos meus queridos pais, Maria e Nivaldo (este falecido no período de defesa do meu trabalho), por serem a base de minha educação e formação moral, sem os quais eu não chegaria a lugar algum. Muita saudade, Pai!

Aos meus irmãos, familiares e amigos, alavancas para o meu sucesso.

Ao meu pastor e a minha Igreja, pelas orações, suporte e orientação nos momentos decisivos.

Especial agradecimento à minha orientadora, Profa. Fernanda Maurício da Silva, por sua paciência e competência para ensinar, orientar e fazer mergulhar no universo do jornalismo um simples Designer Gráfico.

Por fim, aos demais mestres e doutores, por sua contribuição indispensável na construção e desenvolvimento deste trabalho.

RESUMO

Em um momento de transformações da televisão brasileira em que surgem novos formatos televisivos produzidos num contexto de convergência das mídias, o segmento jornalístico não se exclui desse movimento. Considerando-se conceitos metodológicos dirigidos especificamente para o jornalismo, como os “modos de endereçamento” desenvolvidos pela pesquisadora Itania Gomes, este estudo busca analisar como os programas *Jornal Futura* e *Como Será?* podem contribuir para a educação e formação da cidadania por meio de uma estratégia diferenciada de telejornalismo. Esses programas apresentam particularidades que vão ao encontro dessas transformações no jornalismo ao ressignificar suas premissas a partir das mudanças sócio-culturais, das transformações políticas, das inovações tecnológicas e, especialmente, da própria demanda da audiência. Para abordarmos o telejornalismo e a educação, consideramos necessário, inicialmente, apresentar alguns aspectos gerais da situação educacional do Brasil, como o indispensável pensamento de Paulo Freire, as correntes pedagógicas analisadas pelo professor Saviani, a condição atual dos professores, além de citar o desenvolvimento do conceito de “Educomunicação” (ou Comunicação e Educação). Segundo Professora Maria Aparecida Baccega, esta noção não significa juntar tecnologias, mas saber ler os textos, levando-se em consideração a formação científica do signo verbal e a atuação sobre o significado deste. Desloca-se o atual significado do signo verbal para outro significado, ainda que próximo daquele, de modo que tal deslocamento se volte para toda a sociedade visando um trabalho de reforma ou revolução no contexto social. Em capítulo específico sobre “televisão e cotidiano”, cuja referência, entre outros, é o livro de Roger Silverstone que leva nome semelhante, o estudo ainda analisa como a TV convive com a família e a escola, como influencia a cultura e a cidadania brasileira, o que pode levar esta mídia a ser reconhecida como uma agência de formação. A análise dos programas *Jornal Futura* e *Como Será?* desde suas pautas e reportagens até a *performance* dos apresentadores e repórteres, além de aspectos de sonoplastia e imagens, aponta para uma possibilidade de unir os recursos tecnológicos à formação do cidadão. Por utilizarem linguagem informal e recursos audiovisuais, parecem atender à expectativa da audiência ao cumprir a “promessa” descrita por François Jost, segundo o qual qualquer gênero televisivo se

assenta no compromisso de uma relação com um mundo cujo grau de existência condiciona a adesão ou a participação do receptor. Assim, mesmo sem se auto definir como programas educativos, o *Jornal Futura* e o *Como Será?* Apresentam-se dentro de uma perspectiva cada vez maior de hibridização dos programas televisivos, de convergência sócio-cultural das mídias tecnológicas e, por essa razão, podem participar diretamente da consciência e formação cidadã de seus telespectadores, consumidores.

Palavras-chave: Jornal Futura. Como Será? Educação. Cidadania. Telejornalismo.

ABSTRACT

In a moment of transformations of the Brazilian television when new television formats are produced in a media convergence context, journalism is not cast out of this movement. Considering methodologic strategies focused specifically on journalism, as “addressing modes” developed by researcher Itania Gomes, this study seeks the analysis of how shows like "Jornal Futura" and "Como Será?" contribute to education and citizenship, details may face the transformations in journalism when it resignifies its assumptions from social-cultural changes, from political transformations, from technological innovations and, specially, from audience demand.

These TV shows present particularities that face these transformations in journalism when it resignifies its premises from sociocultural changes, political transformations, technological innovations and, specially, from the audience demand. To approach TV news and education first general aspects of the educational situation in Brazil are presented, as the essential thought of Paulo Freire, the pedagogical trends analyzed by Professor Saviani, the current condition of teachers, and to approach TV news and the development of “Educomunicação” (meaning Communication and Education) concept. According to Professor Maria Aparecida Baccega, this notion does not mean joining technologies, but to read the texts, taking into account the scientific training of the verbal sign and the action on the significance of this. The current meaning of the verbal sign moves to another meaning, even though it is close to the first one, so that such movement hits back society aiming at a reform work or revolution in the social context.

In a specific chapter about “television and everyday life”, which finds its reference in the book of Roger Silverstone under a similar name, the study will still analyze how TV broadcasting lives with the family and the school, how it influences culture and the Brazilian society, what may lead this media to be recognized as a formation agency. The analysis of the TV shows “Jornal Futura” and “Como Será?” from their agendas and reports to the performance of presenters and reporters, as well as aspects of sound design and images, leads to a possibility to join technological resources to educational information. Using informal language and audiovisual resources, such programs present a perspective of wider hybrid possibilities for

television programs and social cultural convergence of technological medias.

By using informal language and audiovisual resources, they seem to meet the expectations of the audience to fulfill the "promise " described by François Jost, according to which any television genre is based on the commitment of a relationship with a world whose degree of existence conditions the membership or the receiver participation. So even without being self-defined as educational programs, the “Jornal Futura” and “Como Será?” They come in a growing prospect of hybridization of television programs, of socio-cultural convergence of technological media and, therefore, can participate directly in the awareness and civic education of its viewers, consumers.

Keywords: Jornal Futura, Como Será?, Education, Citizenship, TV journalism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Mapa Noturno de Martin-Barbero.....	32
Ilustração 2 – Apresentadora de vestido estampado.....	51
Ilustração 3 – Bancada Jornal Nacional.....	52
Ilustração 4 – Bancada Jornal do SBT.....	52
Ilustração 5 – Apresentação Jornal Futura 1.....	52
Ilustração 6 – Apresentação Jornal Futura 2.....	52
Ilustração 7 – Juli Wexel roupa 1.....	53
Ilustração 8 – Juli Wexel roupa 2.....	53
Ilustração 9 – Juli Wexel roupa 3.....	53
Ilustração 10 – Juli Wexel roupa 4.....	53
Ilustração 11 – Juli Wexel roupa 5.....	53
Ilustração 12 – Tatuagem da apresentadora Juliana Wexel.....	54
Ilustração 13 – Jornalista Carol Anchieta.....	54
Ilustração 14 – Jornalista Thiago Gomide.....	55
Ilustração 15 – Apresentadora e Editora Juliana Vewel.....	56
Ilustração 16 – Vinheta de abertura do Jornal Futura.....	59
Ilustração 17 – Jornalista Antonio Gois.....	62
Ilustração 18 – Baía da Guanabara poluída.....	66
Ilustração 19 – Produção no campo.....	68
Ilustração 20 – Dra. Giselle Seabra.....	70
Ilustração 21 – Jornalista e apresentadora Sandra Annenberg.....	74
Ilustração 22 – Bom humor de Sandra no início do programa.....	75
Ilustração 23 – Apresentadora simula queda no estúdio.....	76
Ilustração 24 – Apresentadora mostrando resistência dos ovos.....	76
Ilustração 25 – Informalidade da apresentadora Sandra Annenberg.....	77
Ilustração 26 – Apresentador Alexandre Herderson em Brumadinho - MG.....	78
Ilustração 27 – Henderson com o diretor do instituto.....	79
Ilustração 28 – Paulo Tiefenthaler com a equipe do “Tá no quadro”	80
Ilustração 29 – Aluno Willian com a diretora Ana Paula.....	81
Ilustração 30 – Apresentador do quadro “Expedição Terra”	81
Ilustração 31 – Comunidade envolvida no Projeto.....	82

Ilustração 32 – Logotipo do programa na vinheta de abertura.....	84
Ilustração 33 – Estúdio decorado para a Primavera	85
Ilustração 34 – Estilo e movimentação da apresentadora.....	86
Ilustração 35 – Girando o logo para apresentar as chamadas.....	86
Ilustração 36 – “Ecoelétrico”, veículo proposto como solução ecológica.....	88
Ilustração 37 – Surfe com deficientes.....	90
Ilustração 38 – “Telhado verde” é lei em Recife.....	92
Ilustração 39 – Sandra na entrada da primavera.....	94
Ilustração 40 – Mariana Ferrão cobrindo férias.....	95
Ilustração 41 – Sandra apresenta programa em dezembro.....	95

LISTA DE GRÁFICOS/DIAGRAMAS

Gráfico 1 - Pesquisa da UNESCO.....	26
Gráfico 2 – Infográfico IBGE.....	27
Gráfico 3 – Frequência de uso da TV no Brasil por Estados/Regiões.....	36
Gráfico 4 – Uso concomitante da TV com outras atividades.....	37
Gráfico 5 – Confiança nas notícias dos meios de massa.....	38
Gráfico 6 – Razões para assistir televisão no Brasil.....	39
Gráfico 7 – Frequência do uso da TV por idade.....	47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1 EDUCAÇÃO E CIDADANIA	18
1.1 Educação, base do desenvolvimento.....	18
1.2 A leitura e o senso crítico.....	18
1.3 Imagem e sua influência na formação do indivíduo.....	23
1.4 Educação e tendências pedagógicas no Brasil.....	24
1.5 Cidadania, Identidade e juventude.....	29
2 A TELEVISÃO E O COTIDIANO.....	34
2.1 Televisão, família e consumo.....	34
2.2 Televisão, educação e tecnologia.....	41
3 ANÁLISE DOS PROGRAMAS E ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS.....	47
3.1 Modos de endereçamento.....	47
3.1.1 Mediador.....	48
3.1.2 Contexto comunicativo.....	49
3.1.3 Pacto sobre o Papel do Jornalismo.....	49
3.1.4 Organização Temática.....	50
3.2 Aplicação dos Operadores de análise no <i>Jornal Futura</i>.....	50
3.2.1 <i>Jornal Futura</i> e o Mediador	51
3.2.2 <i>Jornal Futura</i> e o Contexto Comunicativo.....	58
3.2.3 <i>Jornal Futura</i> e o Pacto sobre o Papel do Jornalismo.....	63
3.2.4 <i>Jornal Futura</i> e a Organização Temática.....	70

3.3 Aplicação dos Operadores de análise no programa Como Será?.....	72
3.3.1 <i>Como Será? e a performance dos mediadores.....</i>	<i>74</i>
3.3.2 O Contexto Comunicativo em <i>Como Será?</i> e a integração entre os operadores de análise	83
3.3.3 O Pacto sobre o Papel do Jornalismo e a Organização Temática no programa <i>Como Será</i>	89
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 97
 REFERÊNCIAS.....	 101

INTRODUÇÃO

Programas de telejornalismo podem contribuir para suprir a necessidade dos brasileiros de educação politizante que aponte para uma consciência de cidadania, expressa na obra do educador Paulo Freire. A seguinte expressão do escritor Alberto Manguel (2001) “toda imagem pode ser lida e traduzida em palavras, mesmo por um público não-especializado” somada à força do recurso visual dissertado na Retórica da Imagem, por Roland Barthes (1990) e à expressão da pesquisadora Maria Aparecida Baccega (2000) “a televisão compartilha com a escola e a família o processo educacional, tendo-se tornado um importante agente de formação” são conceitos interessantes para se analisar um estilo particular de telejornalismo que utiliza a informalidade na linguagem verbal e não verbal a fim de trazer informação relacionada à educação e formação da cidadania ao público.

A televisão brasileira atravessa um momento especial de importantes mudanças. Em meio a esse cenário de transformações televisivas, está o segmento jornalístico, que não se exclui dessas tendências de mudanças e de interação midiática impulsionadas pela aproximação com o telespectador. O jornalismo é uma forma cultural (Raymond Williams, 1997, apud Gutmann, 2012) e, como tal, está sujeito a variações de acordo com o contexto em que está inserido. O telejornalismo como forma de geração de cultura e as variáveis de seu contexto, desenvolvido de acordo com as competências de recepção (Martin-Barbero, 2009), são analisados neste estudo utilizando-se especialmente o “modo de endereçamento” — conceito metodológico desenvolvido pela pesquisadora Itania Gomes (2007).

O “modo de endereçamento” estabelece a forma da relação que o programa propõe à sua audiência. Ele está dividido em quatro operadores de análise: o mediador, o contexto comunicativo, o pacto sobre o papel do jornalismo e a organização temática. Somados a outras ferramentas de análise, como os mediadores citados no mapa de Martín-Barbero (ritualidade, socialidade, institucionalidade e tecnidade), esses operadores possibilitam uma melhor avaliação dos produtos jornalísticos.

É possível considerar, na perspectiva dos estudos culturais, que o jornalismo

está em formação ao ressignificar suas premissas em decorrência das mudanças sócio-culturais, das transformações políticas, das inovações tecnológicas e da própria demanda da audiência (Silva, 2011).

Por recorrer, muitas vezes, a aspectos históricos e assim expor as origens do povo brasileiro, neste trabalho, o telejornalismo é analisado como um instrumento de mediação entre a mensagem das notícias e o receptor, por meio de observação das competências de recepção entre outros termos extraídos e explicados no mapa noturno de Martin-Barbero (2009), que indica importantes mediações; tudo isso na construção do estudo da linguagem.

Para esta análise foram escolhidos como objetos de estudo dois programas televisivos com perfil diferenciado de jornalismo: o *Jornal Futura*, do Canal Futura, veiculado de segunda à sexta-feira, às cinco horas da tarde, e o programa *Como Será?*, veiculado pela Rede Globo aos sábados, às oito horas da manhã. O critério para escolha desses programas foi o fato de ambos trazerem pautas culturais que estimulam o receptor às suas competências e perspectivas, congregando elementos de informalidade que tornam a transmissão das informações mais leve e atrativa.

Pretende-se, com esta pesquisa, analisar e compreender o modo como esses programas jornalísticos, a partir da escolha de pautas, recursos audiovisuais e estrutura das reportagens, podem contribuir para a educação e formação da cidadania, ainda que os programas não assumam, oficialmente, poder ser vistos e considerados por um viés educativo. Para pensarmos sua contribuição educativa, estudamos a situação atual da educação no Brasil, desde sua origem, depois as estratégias pedagógicas utilizadas no passado e atualmente, as condições físicas das escolas, a figura do professor, além da utilização da tecnologia (televisão e internet principalmente).

Outra importante referência no trabalho é a do movimento da Educomunicação, ou Comunicação/Educação, que analisa as mídias como agentes de formação, define como utilizar os textos considerando-se a formação científica do signo verbal e como atuar sobre o significado; propõe deslocar o significado do que ele está representando em determinado momento para outro significado, ainda que próximo daquele, mas que se volte à toda sociedade para reforma ou revolução no

contexto social.

No confronto da escola e da família com os meios de comunicação é possível, conforme afirma a pesquisadora Maria Aparecida Baccega, encontrar indícios do que leva ao diálogo essas tão importantes agências de socialização. Uma forma de identificá-los é analisarmos o tema educação reproduzido, por exemplo, em vários programas televisivos com perfis jornalísticos que visam alfabetização e formação profissional, como o *Jornal Futura* e o *Como Será?*, analisados nesta dissertação. A partir da escolha de pautas e estratégias de apresentação, eles podem contribuir para o desenvolvimento do senso crítico e estimular a educação e a cidadania mediante leitura de suas imagens e de seus textos verbais, assim aproximando dos meios de comunicação a família e escola.

Nesse contexto, o cotidiano e o aparelho de televisão são abordados em um capítulo separadamente, visto que este objeto eletrônico apresenta-se como um mediador de uma forma de educar. Essa fonte ininterrupta de imagens é atualmente adotada na sociedade praticamente como um membro da família, ocupando um lugar especial física e conceitualmente. Ela tem um papel extremamente ativo, neste caso, dada a sua função como instrumento de comunicação, informação, entretenimento e até educação, entre as muitas outras atribuições que damos na leitura e consumo desse veículo de massa.

O aparelho de TV é tão especial que até o local onde é instalado nos lares é estratégico. Faz parte da decoração, ou até protagoniza-a. Em outras palavras, é tratado como se fosse alguém da família, ocupando o centro da sala e das atenções. É muito comum pais determinarem horários de refeição e de dormir dos filhos de acordo com a programação da TV. Fato esse que aponta para relações cotidianas e maneiras como cada indivíduo ou grupos sociais consomem os produtos televisivos, tornando-os até uma questão cultural de referência de temporalidade.

Como objetivo geral, este estudo pretende identificar e analisar aspectos educacionais e de formação cultural presentes nesses programas jornalísticos da televisão brasileira. A partir da escolha de temas que envolvam o telespectador, nossa análise também objetiva olhar como o indivíduo é atraído e se identifica com as imagens e assuntos propostos pelos programas que se utilizam de recursos informais de linguagem, sem fazer necessariamente um estudo específico sobre a

recepção.

Regularmente com matérias frias, porém utilizando-se de estratégias de atualização como meio de temporalidade, esses programas aproximam assuntos antigos do contemporâneo e convocam a competência da recepção. Analisamos tanto os recursos textuais verbais e não verbais presentes no conteúdo educativo dos programas *Jornal Futura* e no programa *Como Será?* que os tornam diferentes dos outros jornais, quanto o modo como esses elementos podem contribuir para a formação da cidadania e, dessa maneira, caracterizar, a partir de sua produção e veiculação, o diálogo estabelecido entre emissor e receptor.

Os dois programas apontam para uma tendência de aproximação e participação do seu consumidor; apresentam-se como canais abertos à formação de uma consciência cidadã decorrentes das informações e interações oferecidas em suas pautas; possibilitam, portanto, uma análise do ponto de vista dos estudos culturais cujo foco é o consumidor e não necessariamente o produtor ou o produto.

1 EDUCAÇÃO E CIDADANIA

1.1 Educação, base do desenvolvimento

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, Paulo, 2000). Essa esclarecedora frase de Paulo Freire retrata o grande desafio dos tutores, sejam eles professores, pais ou quaisquer outros indivíduos que atuam como referência para o desenvolvimento do ser humano.

Segundo o educador americano John Dewey (1979), “educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida”. Em consonância com o pensamento de Freire, para eles era de vital importância que a educação não se restringisse à transmissão do conhecimento como algo acabado, mas que o saber e habilidade adquiridos pelo estudante pudessem ser integrados à sua vida como cidadão, como pessoa, contribuindo, assim, para a formação do indivíduo e tornando-se indispensável para o desenvolvimento de um grupo, comunidade e até de uma nação. Dessa forma, a importância da educação pode ir muito além da potencialização para renda individual ou de capacitação para se obter um emprego.

Sobre a Educação, como direito, o artigo 26.º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, diz:

1. Toda a pessoa tem direito à educação. A educação deve ser gratuita, pelo menos a correspondente ao ensino elementar fundamental. O ensino elementar é obrigatório. O ensino técnico e profissional deve ser generalizado; o acesso aos estudos superiores deve estar aberto a todos em plena igualdade, em função do seu mérito.

2. A educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos do homem e das liberdades fundamentais e deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, bem como o desenvolvimento das atividades das Nações Unidas para a manutenção da paz.

3. Aos pais pertence a prioridade do direito de escolher o gênero de educação a dar aos filhos.

1.2 A leitura e o senso crítico

Ao ir escrevendo este texto, ia “tomando distância” dos diferentes momentos em que o ato de ler se veio dando em minha experiência existencial. Primeiro, a “leitura” do mundo, do pequeno mundo em que me

movia; depois, a leitura da palavra que, nem sempre ao longo de minha escolarização, foi a leitura da “palavramundo”. (FREIRE, Paulo, 1998).

O escritor Paulo Freire descreve, nestas linhas, a incrível experiência da descoberta da leitura que transcende a simples junção de letras para a formação de palavras e a alfabetização. Segundo o autor, nossa leitura começa pela observação e percepção do mundo que nos rodeia e se move ao nosso redor.

Para falarmos de educação é necessário entendermos onde ela começa, que influências recebe para ser construída e como o ser humano pode ser orientado a partir das informações que lê à sua volta, seja em linguagem verbal ou não verbal, perpassando as diretrizes do ensino formal.

Quando se fala em percepção e influência do que vemos, é interessante citar aqui a televisão ainda como um dos maiores meios de comunicação de massa, que tem grande influência sobre as pessoas de todas as idades e se apresenta como porta de entrada para informações, entretenimento, comércio e outras programações televisivas, como os programas analisados.

Desde a primeira infância, período marcado por intensos processos de desenvolvimento, o ser humano explora essa percepção. É uma fase determinante para a capacidade cognitiva e sociabilidade do indivíduo, pois o cérebro absorve todas as informações, as respostas são rápidas e duradouras. É o momento em que as crianças precisam de oportunidades e estímulos para poderem desenvolver cada uma de suas aptidões. Mas isso não ocorre somente na fase da infância; a experiência de leitura das situações, expressões e imagens a nossa volta nos acompanha em todas as fases de nossa vida, aumentando em importância e significação com o passar dos anos.

Falar em leitura nos remete, entre outras coisas, à ativação dos fatores cognitivos que devem ser orientados a partir da educação. Quando falamos em atividade cognitiva, não estamos nos referindo, necessariamente, a alguém que faz muitas coisas simultaneamente. Para Jean Piaget – um dos mais importantes pesquisadores em Educação e Pedagogia, cujos estudos revolucionaram visões e teorias tradicionais relacionadas à aprendizagem – o sujeito ativo,

[...] é aquele que compara, exclui, ordena, categoriza, classifica, reformula, comprova, formula hipóteses, em uma ação interiorizada (pensamento) ou em ação efetiva (segundo seu grau de desenvolvimento), alguém que esteja realizando algo materialmente, porém seguindo um modelo orientado por outro, para ser copiado, não é habitualmente um sujeito intelectualmente ativo. (PIAGET, 1984).

A maneira como a mente interage com conteúdos específicos promove o desenvolvimento das ideias, ou seja, a formulação do pensamento. Assim, cada etapa do desenvolvimento cognitivo gera uma forma própria de pensar, uma estrutura do pensamento adaptável a qualquer conteúdo.

Desde nossos primeiros passos e de nossas primeiras palavras até nossa idade mais avançada fazemos experiências novas, adquirimos novos saberes e novas competências. Aprender pode ser algo tão intuitivo quanto o ato de respirar. Certamente aprendemos na escola e também na universidade e nos estabelecimentos de formação, mas mesmo nesses lugares instituídos de formação e de aprendizagem, o que aprendemos de mais importante, frequentemente, superam os conteúdos programáticos oficiais. Experimentamos situações, adquirimos habilidades, testamos nossas emoções e nossos sentimentos em sociedade e na vivência do dia a dia.

Por conseguinte, colecionamos imagens quando aprendemos e nos instruímos assistindo à televisão, em conversas com amigos, lendo livros, folheando catálogos ou navegando na *internet*, tanto quanto quando refletimos e quando fazemos projetos.

Aprendemos sempre ao longo de nossas vidas, inclusive a formar opinião sobre tudo, fundamental para a definição dos valores em educação para cada ser humano. A formação de opiniões é oriunda do desenvolvimento de senso crítico. Senso, do latim *sensus* (sentido), é usado em educação em expressões de busca do senso(sentido) comum e do senso(sentido) crítico. Dermeval Saviani, filósofo e pedagogo brasileiro, diz, “[...]conclui-se que a passagem do senso comum à consciência filosófica é condição necessária para situar a educação numa perspectiva revolucionária”. (Saviani, 2007).

O senso comum, apesar de ser característica de uma comunidade, aponta para uma opinião generalizada e muitas vezes superficial sobre algum tema. Já o verbete “senso” somado à palavra “crítica”, de origem grega e que significa enquête ou pergunta, trazem à expressão “senso crítico” uma carga de não aceitação gratuita das situações como elas são sem que ao menos se faça um questionamento esclarecedor. As grandes descobertas do ser humano resultam de questionamentos em todas as áreas do conhecimento; por isso, perguntar, questionar, comparar são verbos sempre presentes no desenvolvimento do homem. Para o filósofo italiano Antonio Gramsci, a filosofia da práxis não busca manter os “simplórios” na sua filosofia primitiva do senso comum, mas busca, ao contrário, conduzi-los a uma concepção de vida superior (Gramsci, 1978, p. 20 *apud* Saviani, 2007). Aqui, o autor usa a expressão “senso comum” para fazer referência a uma versão superficial do que chama “filosofia primitiva”.

Senso crítico ou pensamento crítico, em geral, significa pensar além e questionar as mais diversas suposições. O conceito propriamente dito é contestado dentro do âmbito da educação, devido às suas múltiplas possibilidades de significado.

A televisão tem um papel interessante no desenvolvimento do senso crítico, pois por meio dela são oferecidos produtos e serviços de todos os níveis, deixando para o consumidor a tarefa de avaliar e decidir o que realmente lhe é mais conveniente.

A origem do pensamento crítico ocidental remonta à Grécia Antiga no método socrático; trata-se de uma técnica de investigação filosófica feita por meio de diálogo em que o professor conduz o aluno a um processo de reflexão e descoberta de seus próprios valores. O pensamento crítico é um importante componente de várias profissões e constitui a base do pensamento científico. Ele faz parte do processo de educação e aumenta significativamente conforme os estudantes progredem do ensino básico à universidade.

Theodor Adorno, filósofo e sociólogo alemão que dedicou a vida ao entendimento dos processos de formação do homem na sociedade e teve um papel importante na investigação das relações humanas, afirma:

A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém, ela seria igualmente questionável se ficasse nisto, produzindo nada além de *well adjusted people*, pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior. (ADORNO, 2000, p.143).

Adorno não é um teórico da educação, porém, suas reflexões de ordem social oferecem formulações importantes para o entendimento da formação do homem na sociedade.

A construção do conhecimento especialmente crítico supera o ensino tradicional, baseado na transmissão de conteúdos específicos. É com a leitura que os cidadãos de um país tornam-se conscientes de seus direitos e deveres e, assim, a educação atinge seus objetivos plenos. Por isso, a leitura crítica de mundo é indispensável ao discernimento individual, à consciência de direitos à dignidade humana e de deveres. Como consequência da aquisição de conhecimento crítico, ocorre o desenvolvimento social da família e dos grupos comunitários aos quais o indivíduo pertence e da sociedade como um todo.

Nesse contexto, o papel dos meios de comunicação, especialmente os de massa (jornal, TV, rádio, internet), é fundamental na medida em que podem informar sobre os valores necessários para a formação da consciência do cidadão. Além disso, podem contribuir com o desenvolvimento de um pensamento independente e com o bem-estar comum, visto que levam o indivíduo a atitudes conscientes do que acontece ao seu redor, na comunidade, na sociedade e no mundo. O cidadão crítico pode buscar respostas para os problemas, apresentar novas questões a serem respondidas e estar ciente de que uma sociedade mais justa é resultado de esforço coletivo. Tudo isso faz parte da educação para a construção crítica do conhecimento, conforme afirma Freire: “Não basta saber ler que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho.” (FREIRE, 1991, p.22).

1.3 Imagem e sua influência na formação do indivíduo

Dentre os detalhes da formação do senso crítico, há um aspecto muito importante ligado à percepção e sensibilidade do olhar, que é a observação do que discernimos e consumimos através do que vemos. As imagens ocupam um lugar de grande destaque em nosso conhecimento de mundo, ou seja, a observação, consciente ou não, das imagens de cada situação faz dos olhos o acesso a uma diversidade de formas e cores, muitas vezes carregadas de mensagens direcionadas que colecionamos com interpretações e relevância particularizadas. O filósofo e semiólogo francês, Roland Barthes, divide o processo de significação das imagens em dois momentos: denotativo e conotativo. O primeiro trata da percepção simples, superficial; o segundo contém as mitologias, como chamam os sistemas de códigos que nos são transmitidos e adotados como padrões. Segundo ele, esses conjuntos ideológicos são às vezes absorvidos despercebidamente, além de trazerem uma multiplicidade de sentidos e interpretações. Para Barthes “toda imagem é polissêmica e pressupõe, subjacente aos seus significantes, uma cadeia flutuante de significados, podendo o leitor escolher alguns e ignorar outros.” (Barthes, 1990, p.32).

A partir daí percebemos que lemos palavras, mas lemos mais imediatamente as cores, as formas, as situações e expressões contidas nas imagens estáticas ou em movimento à nossa volta. Essa definição de leitura mostra o quanto a imagem tem importância na composição da opinião que formamos sobre todos os assuntos, sobre o senso crítico que desenvolvemos para a educação e o conhecimento de mundo que armazenamos. Entende-se como conhecimento de mundo todo conteúdo acumulado pelo sujeito em sua experiência de vida, tudo o que ele já viu, leu e ouviu em sua trajetória, o que inclui fatos ocorridos recentemente ou há muito tempo, além de fatos históricos, mitos, credences, folclore, elementos, enfim, que vão compor a construção de ideias e valores de cada indivíduo.

Há muitos anos, o impacto visual era produzido pelo conteúdo de materiais impressos que revolucionaram a vida do ser humano, assim como a televisão e, mais recentemente, o computador e a *internet* vêm alterando muito o modo de vida da

sociedade. Esses meios de comunicação, ao portarem ideias e as transmitirem, funcionavam e funcionam, até hoje, como agentes educativos.

Várias pesquisas revelam e alguns autores são categóricos na afirmação de que as crianças e os jovens passam mais tempo em frente à televisão do que em qualquer outra atividade, incluindo a escola ou o diálogo com os pais. (SILVA, L. 2006, p.73).

1.4 Educação e tendências pedagógicas no Brasil

Atribui-se, hoje, uma grande importância à educação, ao ponto de ouvirmos dizer que nela se encontram as soluções para os mais variados problemas, ou ainda, que as explicações para muitos dos graves problemas da sociedade atual passam, justamente, pela falta dela. A sociedade não só confia mas também espera da educação a responsabilidade pela formação moral que, a princípio, deveria ser iniciada na família que, no entanto, devido aos problemas conjunturais modernos, não cumpre essa missão.

As diversas variáveis a serem consideradas quanto à forma de educar ou de transmitir conhecimentos dão à educação importância fundamental no desenvolvimento do homem e torna-a o ponto central para a construção ou desconstrução do ser humano. Homens vêm a ser criativos, inventivos, descobridores, pessoas críticas e ativas na sociedade em decorrência de um processo de construção de conhecimento e desenvolvimento de sua educação.

É inegável a influência dos momentos culturais e políticos nas tendências da educação em nosso país. Segundo Saviani (2005), as principais tendências pedagógicas usadas na educação brasileira se dividem em duas grandes linhas de pensamento pedagógico: Tendências Liberais e Tendências Progressistas.

De acordo com o autor, os professores devem estudar e se apropriar dessas tendências, que servem de apoio para sua prática pedagógica. Não se deve usar, entretanto, apenas uma delas de forma isolada no exercício da docência, e sim analisá-las individualmente e considerar a que melhor convém ao seu desempenho acadêmico e à qualidade de sua atuação profissional. De acordo com cada nova

situação que surge, usa-se a tendência mais adequada; observa-se que hoje, na prática docente, há um misto dessas tendências.

Saviani explica as principais características de cada um desses modos de ensino. Quanto às tendências liberais, argumenta que “liberal” não significa aqui algo aberto ou democrático, mas sim uma instigação da sociedade capitalista ou sociedade de classes que sustenta a ideia de que o aluno deve ser preparado para papéis sociais de acordo com suas aptidões, e, desse modo, precisa aprender a viver em harmonia com as normas desse tipo de sociedade com uma cultura individual. Essas tendências liberais subdividem-se em quatro: tradicional, renovadora progressiva, renovadora não progressiva (Escola nova) e tecnicista.

Já as Tendências Progressistas, segundo Saviani, partem de uma análise crítica das realidades sociais; sustentam implicitamente as finalidades sociopolíticas da educação e são tendências que não condizem com as ideias implantadas pelo capitalismo. O desenvolvimento e popularização da análise marxista da sociedade possibilitou o desenvolvimento da Tendência Progressista, que se ramifica em três correntes: libertadora, libertária e crítico-social dos conteúdos ou histórico-crítica. A tendência libertadora é também conhecida como pedagogia de Paulo Freire; a libertária compreende a educação como centro do ideário libertário e se expressa num duplo e concomitante movimento de crítica à educação burguesa e de formulação da própria concepção pedagógica que se materializa na criação de escolas autônomas e autogeridas. A tendência crítico-social dos conteúdos ou histórico-crítica apareceu no Brasil no fim dos anos 70 e tinha como prioridade focar em conteúdos que confrontassem com as realidades sociais. Por ela é necessário enfatizar o conhecimento histórico. Prepara o aluno para o mundo adulto, com participação organizada e ativa na democratização da sociedade por meio da aquisição de conteúdos e da socialização. A tendência crítico-social é o mediador entre conteúdos e alunos. Nela, o ensino/aprendizagem tem como centro o aluno, e os conhecimentos são construídos pela experiência pessoal e subjetiva dele.

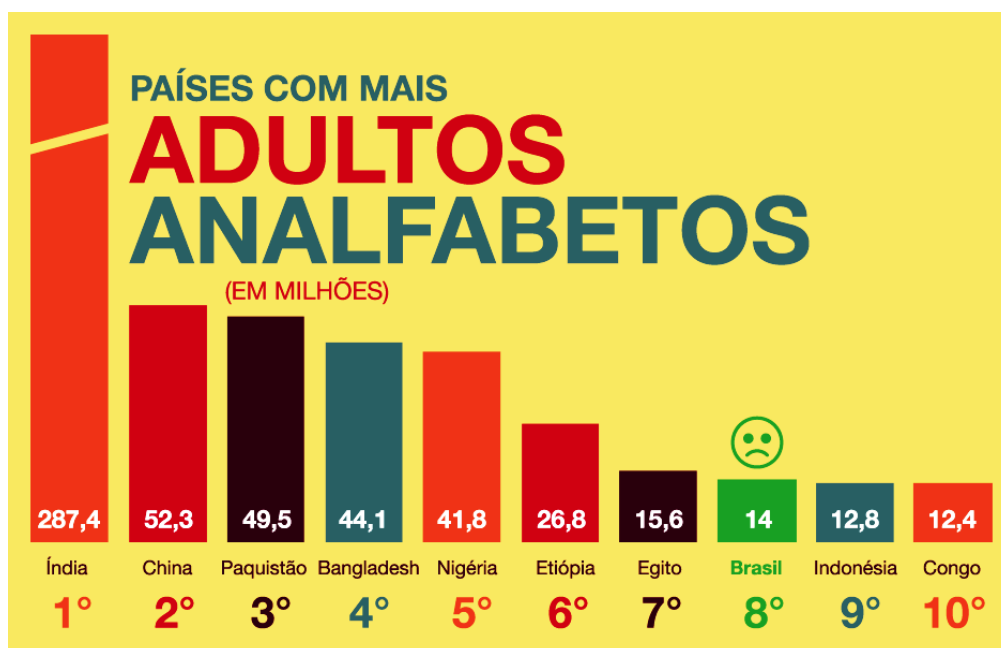
Na prática, promover a educação adequada no Brasil representa um grande desafio, haja vista a extrema carência de grande parte da população decorrente de profunda desigualdade social ocasionada por administrações públicas questionáveis

e pela conveniência de interesses políticos que geram um círculo vicioso, justificado o que diz o educador Paulo Freire,

“Seria uma atitude muito ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que permitisse às classes dominadas perceberem as injustiças sociais de forma crítica”. (FREIRE, Paulo, 2000).

Pesquisa da UNESCO de 2012 mostra que, no Brasil, ainda há 14 milhões de adultos analfabetos.

Gráfico 1 – Pesquisa da Unesco



Fonte: Unesco: Education for All Global Monitoring Report

Logo, não há uma educação suficientemente crítica para desenvolver atitudes que tragam as mudanças necessárias na sociedade, e não há mudanças necessárias porque elas não interessam à classe dominante que usufrui e manipula o controle da informação, limitando o acesso dos menos favorecidos, das camadas mais pobres do país à uma formação que desenvolva um melhor senso crítico. Esse pensamento justifica a visão pedagógica de Freire.

O gráfico abaixo demonstra detalhadamente como estão divididos, por estado, os 14 milhões de analfabetos no Brasil. Com o título “analfabetismo persistente”, o infográfico do IBGE apresenta que mesmo no período em que muitos

saíram da pobreza, a queda do analfabetismo entre as pessoas acima dos 14 anos foi muito pequena.

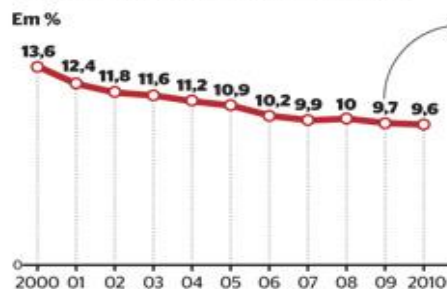
Gráfico 2 – Infográfico IBGE

Analfabetismo persistente

Com baixa taxa de eficiência, os atuais cursos de alfabetização não conseguiram cumprir a meta de erradicar o analfabetismo. O país ainda tem 14 milhões de jovens e adultos que não sabem ler e escrever

QUEDA LENTA

Na década em que milhares de pessoas saíram da pobreza, o analfabetismo entre as pessoas com 15 anos ou mais caiu só 4 pontos



O analfabetismo em outros países em comparação com o Brasil (2009, em %)



CONCENTRAÇÃO

Norte e Nordeste são as regiões que concentram as maiores taxas de analfabetismo do país

% de analfabetos



Fontes: IBGE e Unesco

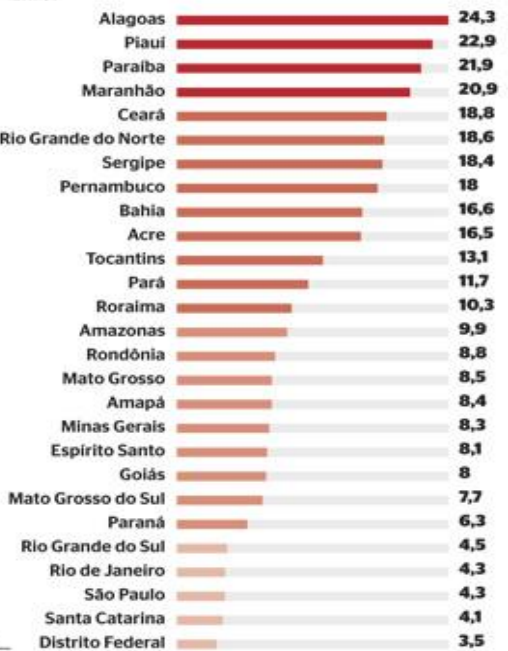


Fonte: IBGE

TRAGÉDIA EDUCACIONAL

Em quatro Estados, mais de um quinto da população jovem e adulta não sabe ler nem escrever

Em %



Habitação, saúde, economia, qualidade e expectativa de vida são exemplos de segmentos do país que sofrem as consequências de posições e decisões ligadas diretamente à ética, ao trabalho e à educação em geral. Assim, passa também pela educação qualquer grande transformação que uma nação possa desejar. As nações que priorizam e valorizam a educação têm, como resultado do esforço de anos de estudo e trabalho, a ascensão profissional-econômica de sua população. O desenvolvimento passa pelo aspecto cultural, pois países mais desenvolvidos se encontram nessa condição devido à instrução e ao conhecimento de sua população na prática de sua cidadania.

O problema da educação em nosso país é antigo. Segundo o professor Wanderlei Aparecida Grenchi (2011), só em meados do século XX o processo de expansão da escolarização básica no país começou, e seu crescimento, em termos de rede pública de ensino, se deu no fim dos anos 1970 e início dos anos 1980. Já nos anos 1990, como decorrência da universalização do ensino fundamental que se realizou no Brasil, a escola se viu responsabilizada por promover a aprendizagem de todos os alunos, independentemente da origem social e das condições culturais ou financeiras das famílias, que passaram a ser obrigadas, legalmente, a matricular os filhos na escola. Para isso, conforme Grenchi, houve a necessidade de direcionar o treinamento de professores, facilitar o acesso do aluno aos livros didáticos, criar parâmetros curriculares, implantar ciclos de progressão continuada, tudo isso abalizado por avaliações externas. Para que esses aspectos necessários à universalização do ensino fossem eficazes, seria necessária uma gestão administrativa comprometida com os resultados esperados.

No entanto, uma pesquisa por amostragem sobre a progressão continuada, realizada pelo Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (SPEOESP) em 2013, indicou que 46% dos alunos da rede estadual admitem que foram aprovados sem aprender todo o conteúdo – dados que demonstram que a política de progressão continuada não é a melhor maneira para estimular o aprendizado. A autonomia de professores e escolas para medidas sócio pedagógicas ideais pode apresentar-se como uma solução, além da necessidade de melhorar a adequação da estrutura física em relação ao número de alunos nas salas, entre outras atitudes.

Na teoria de Vygotsky (1988), a dialética da mudança é clara: as atividades na sala de aula são influenciadas pela sociedade, mas, ao mesmo tempo, podem também influenciá-la. Logo, os professores não podem ser tomados como atores únicos nesse cenário. Tal transformação também deve resultar do engajamento de toda população, que pode contribuir tanto para a lentidão quanto para a aceleração do processo de desenvolvimento desejado para o ensino.

Um grande exemplo de transformação na educação é o da Coreia do Sul, que já teve condições parecidas com as do Brasil, mas, segundo informações do *site*

“Educar para crescer”¹ de 2009, tornou-se referência em educação por valorizar e investir na carreira dos docentes. Além do salário inicial mais atraente e a possibilidade de um plano de carreira para crescimento profissional, os coreanos respeitam e valorizam socialmente a função. Lá, os jovens sonham em ser professores e, por isso, apenas os melhores alunos alcançam esse objetivo, pois as notas de corte para a carreira são altíssimas. Nesse país, os futuros professores do ensino fundamental são recrutados entre os 5% dos alunos com melhor desempenho no Ensino Médio, informa o *site*.

Observa-se que o professor brasileiro precisa ser melhor preparado e valorizado. Por isso, um dos objetivos deste trabalho passa pela percepção do quanto o uso da tecnologia, mais especificamente a televisão, pode contribuir para a educação como ferramenta para o professor, mas também dentro dos lares, no cotidiano das famílias, como influência direta ou indireta na formação dos valores e conceitos do cidadão, para que este valorize o profissional da educação. Isso corresponde ao desafio de um olhar diferente para a ligação existente entre a televisão, a educação, a cultura e a cidadania, o sonho de uma sociedade mais justa e consciente. Como diz Freire, “...para mim, é impossível existir sem sonho. A vida na sua totalidade me ensinou como grande lição que é impossível assumi-la sem risco.” (Paulo Freire).

1.5 Cidadania, identidade e juventude

A noção de cidadania surgiu na Grécia antiga, onde os cidadãos discutiam seus direitos na “ágora” (praça); no Brasil, foi definitivamente consagrada na Constituição Federal de 1988. Cidadão é um indivíduo que tem consciência de seus direitos e deveres, sendo-lhe facultada a participação ativa nas questões da comunidade. O Brasil carece de resgatar sua história e trazê-la à consciência de seu povo, pois suas origens refletem no comportamento do brasileiro em áreas como educação, cultura, política e economia.

¹ Informação disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/gestao-escolar/professor-nota-10401069.shtml>

O desenvolvimento da consciência cidadã, de certo modo, confunde-se com o desenvolvimento do próprio ser humano que, em seu ciclo natural, cumpre etapas de crescimento e desenvolvimento físico e intelectual, herdando e adquirindo identidade no ambiente social onde vive.

Segundo Erik Erikson, importante estudioso do comportamento humano e um dos teóricos da Psicologia do Desenvolvimento, em sua obra “*Identidade, juventude e crise*” considera que

[...]a formação da identidade emprega um processo de reflexão e observação simultâneas, um processo que ocorre em todos os níveis do funcionamento mental, pelo qual o indivíduo se julga a si próprio à luz daquilo que percebe ser a maneira como os outros o julgam, em comparação com eles próprios e com uma tipologia que é significativa para eles; enquanto que ele julga a maneira como eles o julgam, à luz do modo como se percebe a si próprio em comparação com os demais e com os tipos que se tornaram importantes para ele. (ERIKSON, 1976, p.21).

No processo de formação da identidade do indivíduo acontece esse incrível jogo de representações imagéticas em que a composição de sua autoimagem se dá a partir de uma composição de hábitos e valores a sua volta. Como ele se vê, como é visto e como vê os que o vêem compõem esse ciclo, em que há múltiplas possibilidades de interferência, inclusive dos meios de comunicação como a televisão, com programações que trazem identificação com sua personalidade.

As transformações que vêm ocorrendo no mundo contemporâneo em consequência dos avanços dos meios de comunicação e da evolução tecnológica como um todo estimulam a inovação também dos processos de formação, de ensino. Profissionais do sistema educacional do país almejam possibilitar e potencializar a competência de seus alunos, destacando-se que esse processo amplia a prática da cidadania. O caminho para a construção da competência baseado em habilidades que envolvam todas as dimensões do indivíduo, (especialmente na adolescência e juventude, período de formação profissional), enfatiza o uso de senso crítico e autonomia, além de atitude audaciosa, responsabilidade e flexibilidade diante do inusitado. Implica rupturas tanto na dinâmica interna dos espaços institucionais voltados a esse tipo de formação, como também na própria dinâmica dos demais espaços sociais em que esse indivíduo

atua como cidadão. Tais rupturas tendem a produzir novas possibilidades à construção da cidadania.

Freire Filho (2013) afirma que neste início de século, as múltiplas ideologias, estratégias de vida, atividades e alianças da juventude se configuram num campo de estudos particularmente rico e desafiador para os pesquisadores da área de comunicação, em sua interface com os estudos culturais e as ciências sociais.

Em artigo publicado na Revista “Espaço Acadêmico” (2005), Augusto Caccia-Bava, autor do livro “*Jovens na América Latina*”, comenta que a pesquisa sobre o lugar dos jovens na história brasileira que empreendeu permitiu-lhe reconhecer que eles atuam, no interior da sociedade civil, predominantemente em contextos culturais. A democracia cultural, apresentada conceitualmente pela primeira vez por Astrojildo Pereira como uma importante dimensão do processo político do século XX, revelou ser a mediação através da qual os jovens põem em movimento suas capacidades e competências. Assim, antes dos jovens buscarem, espontaneamente, a sua capacitação técnica profissional, ou o seu comprometimento político partidário, eles vão ao encontro dos movimentos culturais próximos do seu cotidiano, comportamento que remete ao que o antropólogo e semiólogo espanhol Jesús Martín-Barbero (2009) chama de “socialidade”. Sobre os jovens da sociedade atual e as transformações da sensibilidade, mediadas pelas novas formas de comunicação, Martín-Barbero escreve,

Esses jovens vivem uma experiência cultural des-localizada, que provém da profunda ligação entre seu mal-estar na Cultura (com maiúscula) e o estouro das fronteiras espaciais e sociais, que a chave televisão/computador introduz no estatuto dos sentires, dos saberes e dos relatos. E que se traduz numa forte *cumplicidade cognitiva e expressiva* com as novas imagens e sonoridades, com suas fragmentações e velocidades, nas quais encontram seu próprio ritmo e idioma. (BARBERO, 2001, p.49)

Estimular a construção da competência e a apropriação da cidadania não só dos jovens, mas também de todos os brasileiros é um desafio à educação de base, e para o qual será necessário o envolvimento da família e da escola como agentes principais desse desenvolvimento. Entretanto, para isso, devem ser também utilizados importantes instrumentos de comunicação, como a televisão, uma vez que ela, dado seu já citado espaço ocupado na sociedade, pode contribuir com a

transmissão de informação educativa que leve à consciência de direitos e deveres, utilizando-se, por exemplo, de programas jornalísticos.

A maneira particular como consumimos o conteúdo televisivo é determinante para a influência ou o aproveitamento que podemos fazer de cada informação, tendo como variáveis as necessidades e vontades pessoais e outras questões culturais. Martin-Barbero, um dos expoentes dos Estudos Culturais contemporâneos, desenvolveu, em seu livro “Dos meios às mediações”, um mapa noturno de mediações ao argumentar que a pesquisa em comunicação deve deslocar-se da mídia para as mediações, ou seja, para as apropriações e significados que lhes dão sentido.

Ilustração 1 – Mapa Noturno de Martin-Barbero



Fonte: Livro “Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.

Barbero, em seu “mapa noturno”, aborda desde as matrizes culturais, o modo de produção, os formatos industriais até as competências de recepção ou consumo, fechando o círculo de volta às matrizes culturais (embora o autor estabeleça uma relação diacrônica entre matrizes e formatos e uma relação sincrônica entre produção e consumo), tendo como mediações a institucionalidade, a tecnicidade, a ritualidade e a socialidade, conforme a ilustração acima.

Sobre a definição de socialidade, o autor escreve:

[...]a dupla relação das Matrizes Culturais com as Competências de Recepção e as Lógicas de Produção é mediada pelos movimentos de socialidade, ou sociabilidade e pelas mudanças na institucionalidade[...]Nesse processo as Matrizes Culturais ativam e moldam os *habitus* que conformam as diversas Competências de Recepção”. (BARBERO, 2009, p.17).

O receptor ao consumir um produto jornalístico (Formato Industrial) pode ser enquadrado nas palavras de Ana Carolina Escosteguy (2012), sob a mediação da *ritualidade* entre *Formatos Industriais e Competências de Consumo* do mapa de Martín-Barbero:

[...]a ligação entre os formatos industriais com o momento das competências de recepção ou consumo do mapa de Martín-Barbero, há a mediação da ritualidade. Essa mediação dá conta da articulação da memória para a leitura das notícias, está relacionada à competência comunicativa cultural do veículo e às possibilidades de decodificação do receptor, e engloba, também, os “ritos” de leitura. Dá conta de como os produtos jornalísticos são consumidos — do processo de “leitura”, dos espaços de consumo, da forma de consumo (individual ou coletiva, por exemplo), dos efeitos do formato jornalístico sobre o receptor (credibilidade, sentido de veracidade). A ritualidade é a mediação que sustenta o processo de comunicação, ou seja, entre os gêneros e o consumo, da parte dos formatos, articula memória discursiva e gramáticas para leitura dos gêneros e dos discursos.(ESCOSTEGUY, 2012, p20)

As mediações da institucionalidade (que está entre as matrizes culturais e as lógicas de produção) e da tecnicidade (que fica entre as lógicas de produção e os formatos industriais) contribuem para a identificação do receptor para com as programações televisivas. Assim, a televisão, a partir das mediações propostas, contribuem para a composição das informações que poderão levar ao desenvolvimento pessoal e à formação da cidadania do indivíduo.

Como afirma Freire,

[...]do extraordinário poder da mídia, da linguagem da televisão, de sua sintaxe que reduz a um mesmo plano o passado e o presente e sugere que o que ainda não há já está feito” (FREIRE, P., 2000 p. 109).

2 TELEVISÃO E COTIDIANO

2.1 Televisão, família e consumo

A televisão é um meio doméstico. Assiste-se em casa. Ignora-se em casa. Discute-se em casa. Assiste-se na privacidade com membros da família, ou com amigos. Mas também faz parte de nossa cultura caseira por outras razões: sua programação e seus horários nos proporcionam estruturas e modelos da vida doméstica ou, no mínimo, de certas versões da vida doméstica.² (SILVERSTONE, 1994, p. 51, tradução nossa)

O Professor Roger Silverstone, um dos grandes especialistas internacionais de mídia e autor do livro “Televisão e Cotidiano”, faz uma importante análise da televisão apoiado em contribuições de autores da psicanálise pós-freudiana: desenvolve a ideia de que a TV poderia ser analisada como um “objeto transitivo”.

A televisão é uma fonte ininterrupta de imagens, que ocupa um lugar especial dentro dos lares, adotada praticamente como um membro da família na sociedade atual. Ela tem um papel social extremamente ativo, nesse caso, dada sua função de instrumento de comunicação, informação, entretenimento e, até, educação, entre as muitas outras atribuições que damos na leitura e consumo desse veículo de massa.

O aparelho de TV é tão especial atualmente que até mesmo o local onde é instalado nos lares é estratégico; faz parte da decoração ou protagoniza-a. Em outras palavras, é tratado como se fosse alguém da família, ocupando o centro da sala e das atenções. Comumente horários de refeição e de dormir dos filhos são determinados de acordo com a programação da TV. Esse fato indica relações cotidianas e maneiras como cada indivíduo ou grupos sociais consomem os produtos televisivos, assim como uma questão cultural de referência de temporalidade. Sobre as relações cotidianas que geram aspectos culturais, Martin Barbero assim as define em seu mapa noturno já apresentado:

A socialidade gerada na trama das relações cotidianas que tecem os homens ao juntarem-se é, por sua vez, lugar de ancoragem da práxis comunicativa e resulta dos modos e usos coletivos de comunicação, isto é,

²Citação original da versão do livro, em espanhol, **La televisión es un medio doméstico**. “Se mira en casa. Se ignora en casa. Se discute en casa. Se mira en privado con miembros de la familia o con amigos. Pero también forma parte de nuestra cultura hogareña por otras razones: su programación y sus horarios nos proporcionan estructuras y modelos de la vida doméstica o, por lo menos, de ciertas versiones de vida doméstica.” (SILVERSTONE, Roger, 1994, p. 51)

de interpelação/constituição dos atores sociais e de suas relações (hegemonia/contra-hegemonia) com o poder. Nesse processo as Matrizes Culturais ativam e moldam os *habitus* que conformam as diversas Competências de Recepção. (BARBERO, 2003 p.17)

Está inserido nas competências de recepção o modo como a televisão é consumida pelos indivíduos, convocando-os a um processo de socialidade. E dentro desse contexto comunicativo está o “consumo” daquilo que informa e forma conceitos nessa geração. Notem-se presentes na formação do indivíduo as ritualidades, que constituem as gramáticas da ação do olhar, do escutar, do ler aquilo que compõe o seu cotidiano, e a socialidade, que resulta dos modos e usos coletivos de sua comunicação, nos quais está inserida a televisão, ainda como maior meio de comunicação de massa e, por consequência, produtos televisivos que promovam empatia com os telespectadores, como é o objetivo da produção dos programas *Jornal Futura* e *Como Será?*, objetos de análise desta dissertação.

Em seu livro “*A Invenção do Cotidiano*”, Michel de Certeau (1998) reexamina fragmentos e teorias, influenciando um movimento de produção de conteúdos televisivos cujo foco é o consumidor, e não o produtor ou o produto.

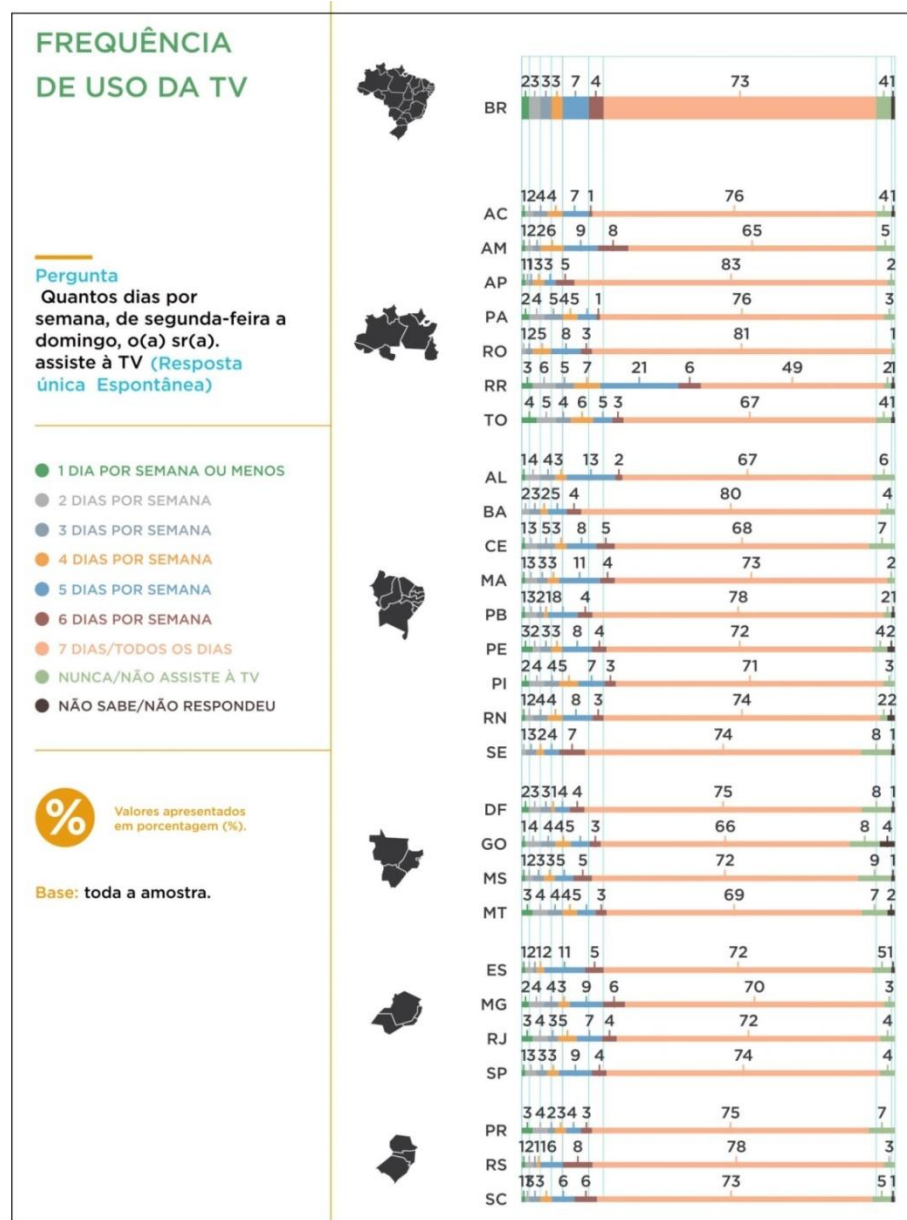
Para descrever essas práticas cotidianas que produzem sem capitalizar, isto é, sem dominar o tempo, impunha-se um ponto de partida por ser o foco exorbitado da cultura contemporânea e de seu consumo: a leitura. Da televisão ao jornal, da publicidade a todas as epifanias mercadológicas, a nossa sociedade canceriza a vista, mede toda a realidade por sua capacidade de mostrar ou de se mostrar e transforma as comunicações em viagens do olhar. (DE CERTEAU, 1998, p. 48)

Essa análise com foco no consumidor revela a preocupação dos produtores com a audiência e é determinante para a produção de programas que são criados a partir dos perfis dos indivíduos de uma comunidade ou grupos sociais.

O ato de assistir televisão aparece no dia a dia dos brasileiros como um dos hábitos mais frequentes nos domicílios. O quadro da PBM – Pesquisa Brasileira de Mídia 2015 – apresentado a seguir mostra que a grande maioria dos brasileiros assiste televisão todos os dias da semana. O poder de comunicação e apreensão da atenção da TV para com o receptor é inegável. Por isso, independentemente do modo como a televisão retrata o mundo, pais e educadores também podem

desenvolver maneiras de se apropriar dos recursos dessa importante fonte de informação e selecionar o conteúdo informativo que tenha sentido em suas vidas.

Gráfico 3 – Frequência de uso da TV no Brasil por Estados/Regiões



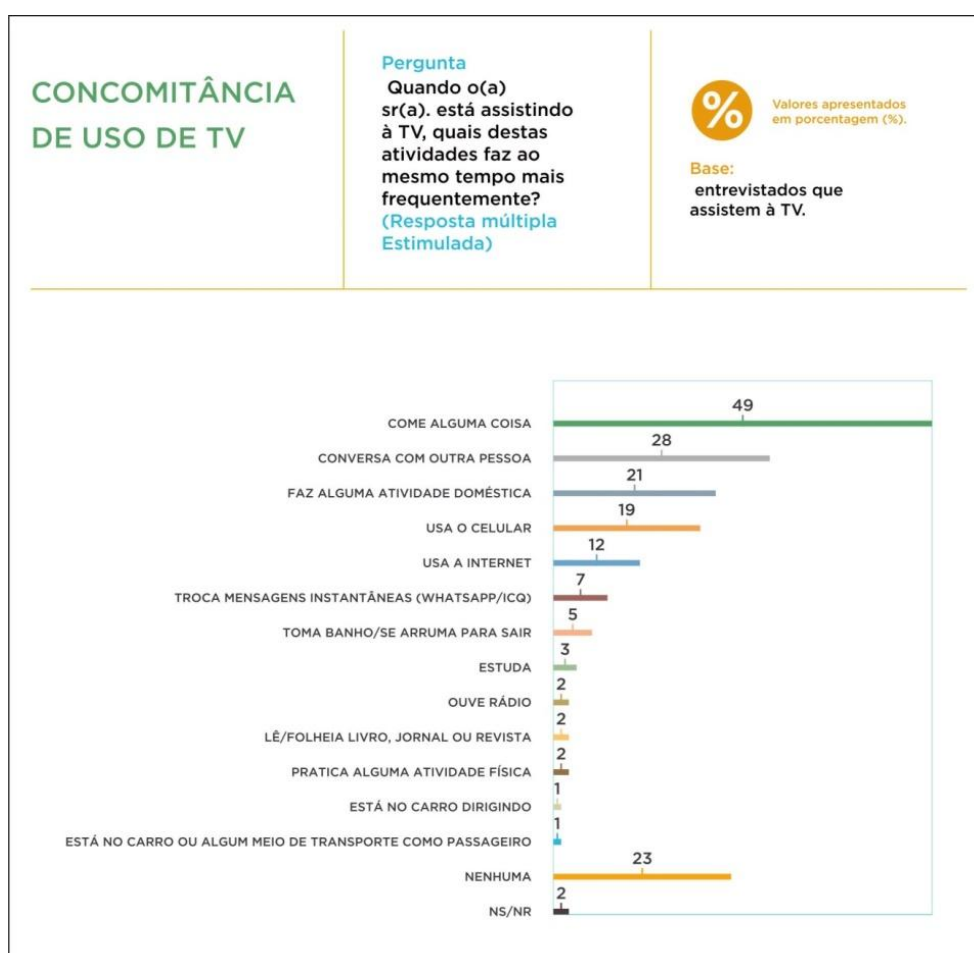
Fonte: PBM — Pesquisa Brasileira de Mídia 2015

A televisão aparece, de acordo com os dados acima, como um instrumento de importantes interações culturais, conforme destaca Martin-Barbero,

Nas brechas da televisão comercial, e nas possibilidades abertas pelos canais culturais, regionais, locais ou comunitários, a televisão aparece como um espaço de cruzamentos estratégicos com certas tradições culturais de cada país: orais, gestuais, escritas, teatrais, cinematográficas, novelescas, etc. (BARBERO, 2001, p. 41).

A televisão está tão relacionada ao cotidiano do brasileiro que as pessoas conseguem assisti-la concomitante com outras atividades, como mostra a pesquisa no quadro abaixo:

Gráfico 4 – Uso concomitante da TV com outras atividades

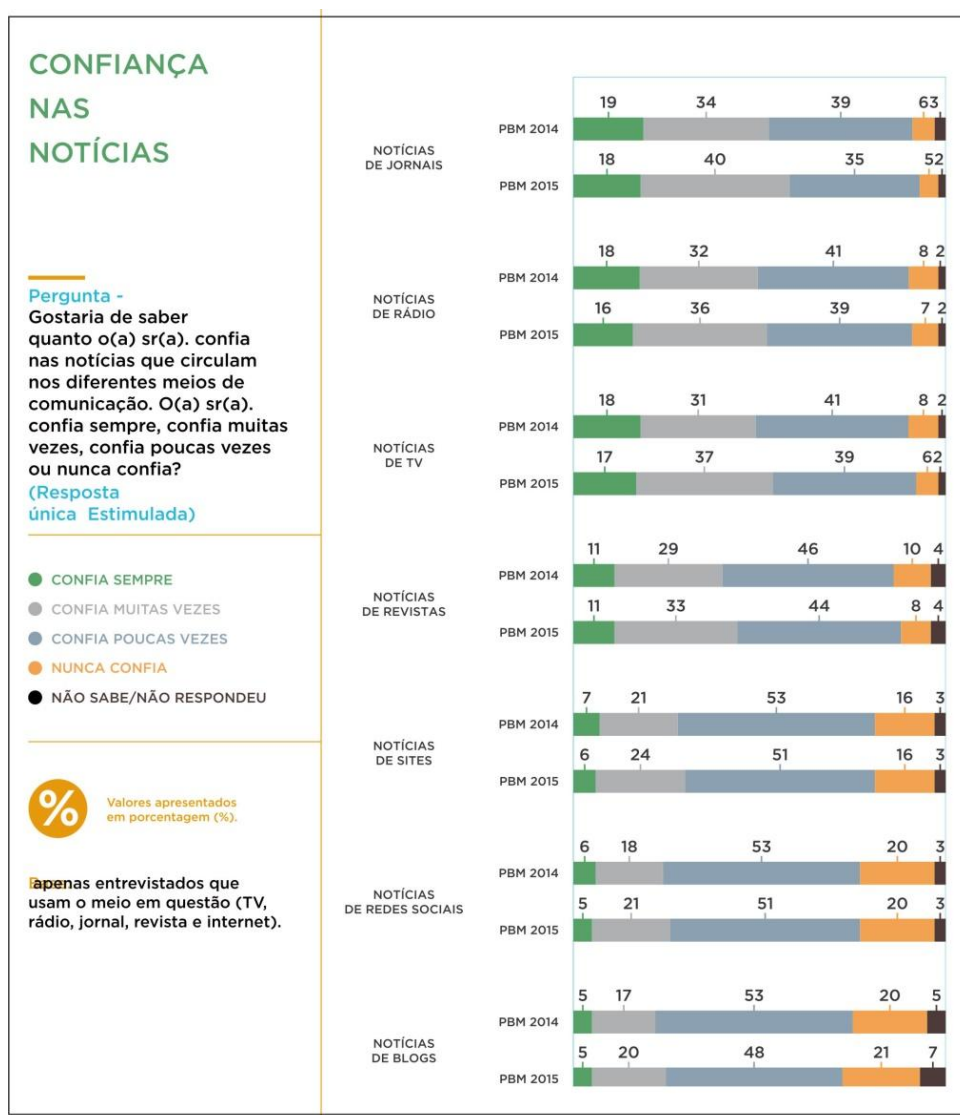


Fonte: PBM — Pesquisa Brasileira de Mídia 2015

A televisão ganha importância na caracterização da vida das famílias brasileiras. A análise dos dados mostrados a seguir demonstra que o grande interesse sobre o conteúdo da mensagem exposta pela TV, em alguns casos, passa não só a formar a opinião, mas a definir e reforçar valores e crenças, às vezes,

opostos ou diferentes dos praticados pelo público receptor. Este, quando se sente manipulado, manifesta sua indignação e protesta expressamente, como o ocorrido com a principal emissora do Brasil que, em abril de 2015, prestes a completar 50 anos de existência, foi alvo de inúmeros protestos pelo país. Segundo o *site* da Revista Fórum³, manifestantes ocuparam as sedes da emissora em diversas cidades, com o intuito de reivindicar a democratização das comunicações e o fim da concessão pública ao canal de televisão. Reação de receptores que exercem seu direito de cidadãos e analisam criteriosamente o que consomem.

Gráfico 5 – Confiança nas notícias dos meios de massa



Fonte: PBM — Pesquisa Brasileira de Mídia 2015

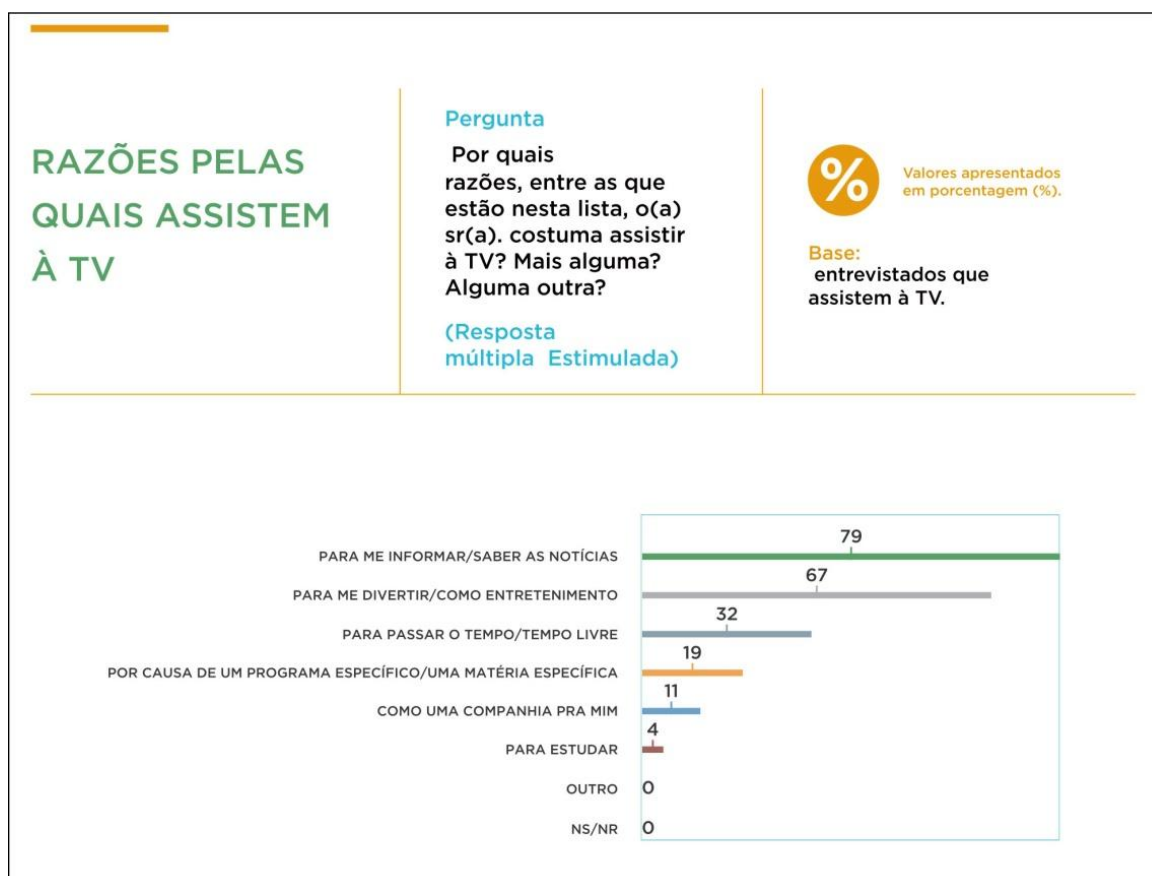
³ Inspirada no Fórum Social Mundial, a Revista Fórum foi lançada com a cobertura do primeiro evento, realizado em janeiro de 2001 em Porto Alegre. Acessada para este trabalho em maio/2015 e disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/blog/2015/04/atos-contra-a-rede-globo-se-espalham-pelo-pais/>

Conforme verifica-se no diagrama acima, ainda não se obteve a confiança nas notícias divulgadas pelos produtores de conteúdo da televisão brasileira. Apesar de ser a fonte de notícias mais consultada, segundo a pesquisa, a desconfiança sobre o teor das informações ainda persiste na maioria das pessoas.

Essas maneiras de se reapropriar do sistema produzido, criações de consumidores, visam uma *terapêutica de socialidades deterioradas*, e usam técnicas de reemprego onde se podem reconhecer os procedimentos das práticas cotidianas. (CERTEAU, 1998, p. 52)

Dentro dessas práticas cotidianas citadas por De Certeau (1998), estão as diversas razões pelas quais as pessoas assistem televisão: a maior parte assiste pela necessidade de se informar sobre notícias ou como entretenimento, mas há outras que assistem também para estudar, para assistir a um programa específico, ou simplesmente passar o tempo e fazer da TV uma companhia. Conforme podemos observar no gráfico abaixo:

Gráfico 6 – Razões para assistir televisão no Brasil



Fonte: PBM — Pesquisa Brasileira de Mídia 2015

Sintonizadas com o cotidiano das famílias, as emissoras também procuram adaptar sua programação de acordo com sua conveniência e de modo a encontrar horários específicos que prendam a atenção do receptor com muitos programas que ditam regras, promovem outros costumes, orientam consumidores, entre outras situações.

A influência da televisão se desloca e se difunde pela posição que ocupa dentro dessa multiplicidade de tempos e espaços. E, com efeito, a posição da audiência nestas múltiplas temporalidades e espacialidades é essencial. (SILVERSTONE, 1994 p. 222, tradução nossa)⁴

É notório como o telespectador se identifica e passa, muitas vezes, a agir e reagir de acordo com o programa ou o personagem com que se identificou na televisão. O autor Roger Silverstone coloca como essencial a posição da audiência no tempo e espaço em que a TV influencia. Por exemplo, o estudante adolescente se veste inspirado neste ou naquele personagem, usa a expressão que ele aprendeu na novela, se apropriando dela e repetindo-a como sua. Como é poderosa a força da imagem e do discurso, sentimo-nos tão atraídos por comportamentos e modismos.

Questões sobre gêneros, raça e etnia, consumo e violência, dentre outros temas apresentados por grupos de educadores e educandos, têm sido debatidas questionando-se o papel da mídia, em nosso cotidiano, de instrumento para manutenção dos interesses da classe dominante. Como, por exemplo, o consumo das imagens que nos tornam alvo fácil das propagandas televisivas, especialmente as que nos induzem a comprar produtos anunciados supérfluos.

Assim, podemos analisar que se de um lado os meios de comunicação de massa podem, supostamente, ser utilizados para persuadir as mentes de seus receptores pela propaganda, por outro lado, a possibilidade de se utilizar esse veículo de comunicação em favor da educação e da formação da cidadania é muito grande. Muitos programas podem, na verdade, possuir um conteúdo de formação cultural, que renderia boas aulas se debatidos com profundidade, ou mesmo, na discussão cotidiana da família.

⁴ Citação da versão original do livro em espanhol: **La influencia de la televisión se desplaza.** “Y se difunde por la posición que ocupa dentro de esa multiplicidad de tempos y espacios. Y, em efecto, la posición de la audiencia en estas múltiples temporalidades y espacialidades es esencial.” (SILVERSTONE, Roger, 1994 p. 222)

2.2 Televisão, educação e tecnologia

As tradicionais agências de socialização – escola e família – vêm se confrontando, nos últimos tempos, com os meios de comunicação, que se constituem em outra agência de socialização. Há entre elas um embate permanente pela hegemonia na formação dos valores dos sujeitos, buscando destacar-se na configuração dos sentidos sociais. Essa disputa constitui o campo comunicação/educação (educomunicação), que propõe, justifica e procura pistas para o diálogo entre as agências. Nesse campo se constroem sentidos sociais novos, renovados, ou ratificam-se mesmos sentidos com roupagens novas. (BACCEGA, 2009, p. 19)

Conforme realça a pesquisadora Maria Aparecida Baccega, no confronto citado da escola e família com os meios de comunicação é possível buscar pistas que levem ao diálogo entre essas tão importantes agências de socialização. Um modo de buscarmos essas pistas é analisarmos o tema educação reproduzido, por exemplo, em vários programas televisivos que visam à alfabetização e formação profissional. Além disso, existem programas com perfis jornalísticos, como o *Jornal Futura* e o *Como Será?*, analisados nesta dissertação. Esses programas trabalham tanto a mediação dos apresentadores quanto questões temáticas cuidadosamente escolhidas para despertar o interesse público, privilegiando temas sociais e culturais, criando um contexto comunicativo envolvente, usufruindo dos recursos jornalísticos e audiovisuais, bem como explorando o aspecto cultural da oralidade dos seus apresentadores, repórteres e entrevistados, com seu visual e linguagem informais.

De acordo com Martín-Barbero(2009), o fator cultural teria uma grande importância na compreensão da hegemonia televisiva na América Latina. Nestas sociedades, a predominância da cultura oral, mesmo com os avanços tecnológicos do capitalismo, é um elemento que não pode ser descartado. Isto explicaria, em parte, a grande influência do audiovisual nestas formações sociais. Apesar do suposto controle hegemônico dos meios de comunicação, as transformações tecnológicas e sócio culturais modificam a ideia de que a televisão fazia com que seus telespectadores permanecessem inertes, recebendo as mensagens sempre de forma muito passiva, conforme crítica de Michel de Certeau (1998):

O binômio produção-consumo poderia ser substituído por seu equivalente geral: escritura-leitura. A leitura (da imagem ou do texto) parece aliás constituir o ponto máximo da passividade que caracteriza o consumidor,

constituído em *voyeur* (troglodita ou nômade) em uma “sociedade do espetáculo”. (DE CERTEAU, 1998, p. 49)

Na cibercultura em que vivemos, há uma tendência cada vez maior à interação com os programas televisivos, via telefone, computador ou *smartphone*, inclusive para criticá-los, se for o caso. Abre-se, assim, um melhor espaço para a comunicação e o senso crítico da audiência ao retirar o consumidor desse *status* de passividade.

Segundo Paulo Freire (1988), “somente na comunicação tem sentido a vida humana”. A comunicação é uma necessidade básica do ser humano, sobretudo do homem social. Não existe sociedade sem comunicação. E a televisão foi um dos grandes instrumentos que ampliaram o sentido da palavra comunicação. A necessidade de comunicar-se, de transmitir sua mensagem ao outro, trouxe a paixão do ser humano por esse objeto que marcou a história do século XX. E apesar de não excluir os demais meios de comunicação utilizados na mídia, no entanto, superou, em muito, os acessos aos outros.

Hoje, quaisquer fatos que mereçam destaque imediato podem ser transmitidos em tempo real por diversos meios de comunicação de massa, como a *internet*, o rádio, mas, principalmente, há uma grande expectativa da audiência pela força simbólica de identificação pessoal que a televisão possui, que parece ser ubíqua, ou seja, onipresente, conforme defende o autor Roger Silverstone.

Não obstante, o que a faz verdadeira é o seu compromisso com a mediação enquanto processo constitutivo e também o definir a televisão como uma força simbólica que opera nos mesmos níveis de onde se situam os programas e gêneros individuais da televisão, os atos individuais de ver televisão e as personalidades individuais dos espectadores. É uma teoria que reconhece as continuidades e as ubiquidades da televisão e baseia sua análise do poder do meio, precisamente, nesse nível estrutural de determinação.⁵ (SILVERSTONE, 1994 p. 234, tradução nossa)

⁵ Citação da versão original de seu livro em espanhol: “No obstante, lo que la hace verosímil es su compromiso con la mediación en tanto proceso constitutivo y también el definir la televisión como una fuerza simbólica que opera en los niveles mismos donde se sitúan los programas y géneros individuales de televisión, los actos individuales de mirar televisión e las personalidades individuales de los espectadores. Es una teoría que reconoce las continuidades e las ubicuidades de la televisión e basa su análisis del poder del medio precisamente en ese nivel estructural de determinación.” (SILVERSTONE, Roger, 1994 p. 234)

Por toda essa identificação individual e coletiva, a sociedade deve olhar com especial atenção a utilização da TV como ferramenta de educação e cidadania, pois com a comunicação na era da informática, fica acentuada a afirmação de que a educação não é um processo somente da escola. Conforme as palavras do educador Paulo Freire (1979): “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. E é assim que se desenvolve a educação, numa interação constante e permanente. A importante pesquisadora contemporânea em comunicação, Maria Aparecida Baccega, afirma que:

(...) a televisão, com meio século de presença entre nós, compartilha com a escola e a família o processo educacional, tendo-se tornado um importante agente de formação. Ela até mesmo leva vantagem em relação aos demais agentes: sua linguagem é mais ágil e está muito mais integrada ao cotidiano; o tempo de exposição das pessoas à televisão costuma ser maior do que o destinado à escola ou à convivência com os pais”. (BACCEGA, 2000, p.95)

Sem questionar a imensurável importância do tempo necessário para a escola e para a família, e com o devido equilíbrio, é preciso reconhecer que a televisão, quando bem aproveitada, pode ser uma outra fonte de saber e de desenvolvimento da educação e cidadania.

Se a reação de uma turma, em sala de aula, pode ser provocada pela simples fala do professor, é possível supor qual não será a força da TV ao ser bem trabalhada para isso. É fato que os meios de comunicação, quando usados para a educação, podem propor, provocar e, até mesmo, exigir ações e reações de alunos e professores. Desses meios podem surgir movimentos que serão pontos de partida no processo educativo do cidadão.

Assim como a família, a escola é um importante agente de socialização. Seu objetivo passa pela ideia de formação de pessoas críticas, autônomas e que possam atuar na transformação da sociedade em que vivem. Logo, a escola juntamente à família são os maiores responsáveis pela transmissão de normas e valores de caráter fundamental, necessários à inserção do indivíduo na sociedade. (FONTE??)

O consumo inevitável desse produto chamado televisão pode aproximar o indivíduo desses valores, o que a torna instrumento de apoio à educação e cidadania, dependente da forma como é administrado. A organização temática dos

programas *Jornal Futura* e *Como Será?*, que é um dos operadores de análise deste trabalho, mostra ser possível aproximar o consumidor dos programas televisivos a partir da escolha dos temas que envolvam o interesse da audiência, atraída por suas vontades ou necessidades.

É importante considerar que, na televisão, haja não só acesso às informações disponíveis a todos, mas, principalmente, que elas possam ser absorvidas, compreendidas e ser instrumentos de reflexão, exercícios esses de cidadania na sociedade.

Hoje, em nossas sociedades, a maior parte do ensino acontece fora da escola. A quantidade de informações comunicadas pela imprensa, revistas, filmes, televisão, rádio excede em grande medida a quantidade de informação comunicada pela instrução e textos na escola. Este desafio destruiu o monopólio do livro como ajuda ao ensino e derrubou os próprios muros das aulas de modo tão repentino que estamos confusos, desconcertados. (CARPENTER e MCLUHAN, 1960 apud SILVA, Flávia et al 2008, p. 218).

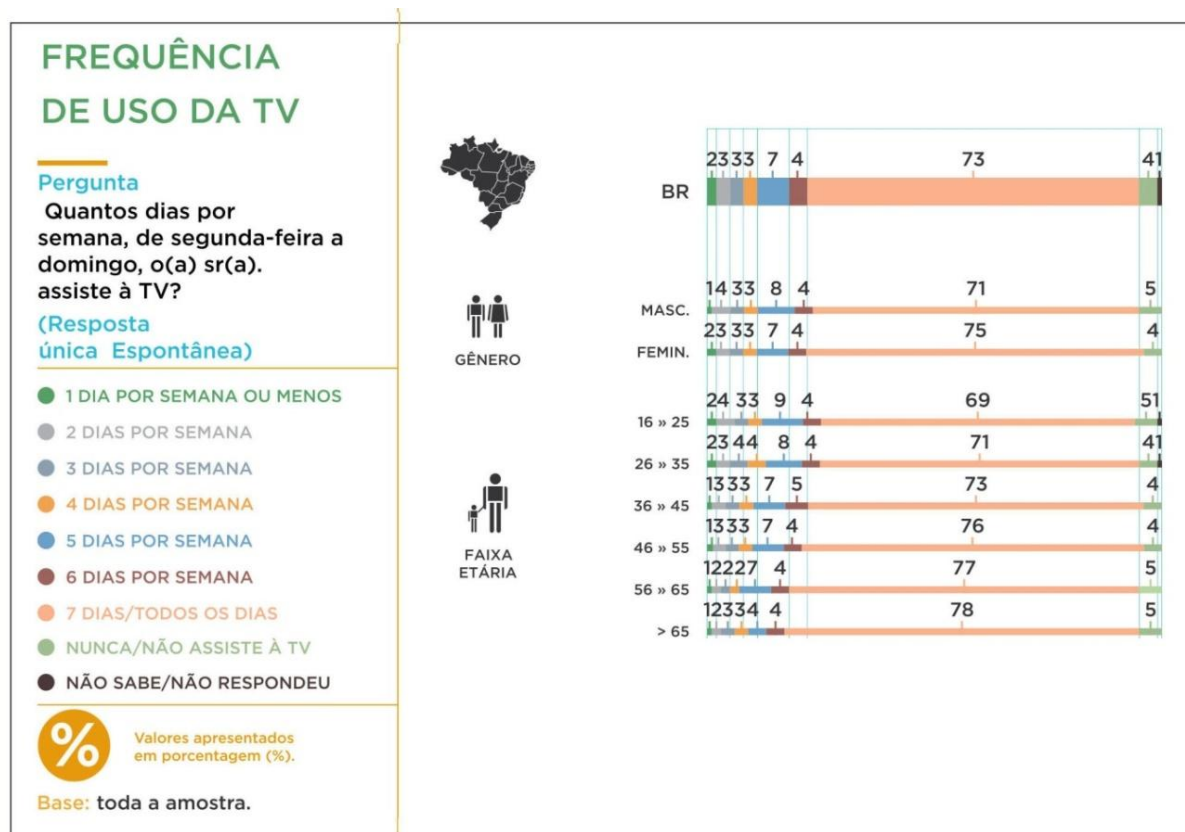
O acirramento das discussões atuais via televisão e *internet* muitas vezes polariza as opiniões, fazendo parecer que a tecnologia é alheia aos problemas sociais ou o inverso, que ela sozinha resolve os problemas existentes, em qualquer área.

Ao ignorar e não utilizar as tecnologias produzidas na atualidade, como a *internet*, a televisão e suas programações na escola, por exemplo, os docentes dificultam a compreensão, o conhecimento e o desenvolvimento de valores indispensáveis à interação cultural, profissional e política do aluno. Hoje os próprios professores precisam utilizar eficientemente os diferentes recursos tecnológicos em prol de uma formação que evidencie a reflexão crítica, já que a escola não é a única fonte de conhecimento.

Sobre a televisão e as crianças, Martin Barbero (2001) afirma que como seu uso não depende de um complexo código de acesso, tal qual o livro, a televisão expõe as crianças, desde quando abrem os olhos, ao mundo antes fechado aos adultos que não tiveram acesso a ela.

Observa-se que a utilização da TV acontece numa frequência muito semelhante em todas as faixas etárias pesquisadas; predomina o assistir televisão diariamente. É mínima a porcentagem de pessoas que assistem pouco, ou que não assistem televisão, conforme o Gráfico 7. A grande maioria, em todas as faixas etárias pesquisadas, assiste a ela todos os dias da semana.

Gráfico 7 – Frequência do uso da TV por idade



Fonte: PBM — Pesquisa Brasileira de Mídia 2015

Os conteúdos educativos da TV devem ser usados para reflexão crítica e como aprendizado na identificação dos sentidos explícito e implícito das informações e das histórias e, principalmente, com o objetivo de dar condições ao público receptor de estabelecer relações coerentes entre o que aparece na tela e a realidade que o circunda.

Por isso, comunicação/educação inclui, mas não se resume à educação para os meios, leitura crítica dos meios, uso da tecnologia em sala de aula, formação do professor para o trato com os meios etc. Tem, sobretudo, o objetivo de construir a cidadania, a partir do mundo editado devidamente

conhecido e criticado. Nesse campo cabem: do território digital à arte-educação, do meio ambiente à educação a distância, entre muitos outros tópicos, sem esquecer os vários suportes, as várias linguagens – televisão, rádio, teatro, cinema, jornal, cibercultura etc. Tudo percorrido com olhos de congregação das agências de formação: a escola e os meios, voltados sempre para a construção de uma nova variável histórica. (BACCEGA, 2009, p.20)

A nova variável histórica proposta pela Professora Baccega envolve não somente a Educomunicação, mas tudo o que está à sua volta, dando nova configuração aos meios e à maneira como são utilizados.

Dentro das transformações que a televisão atravessa, nessas tendências de mudanças e interação midiática, está inserido o telejornalismo impulsionado pela aproximação com o telespectador. Segundo Igor Sacramento (2010), as novas mídias não vêm para substituir formas anteriores, mas provocar modificações e adaptações, reconfigurando continuamente o ambiente midiático de uma sociedade.

A partir da ressignificação das premissas do telejornalismo, pode-se trazer, à comunicação de temas políticos e históricos, um tom muito mais agradável e de fácil compreensão, que é a estratégia utilizada por programas como o *Jornal Futura* e *Como Será?*. Detalhes que podem refletir o quanto os programas percebem a importância do papel político do cidadão que “consome” esses produtos jornalísticos.

3 ANÁLISE DOS PROGRAMAS E ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

3.1 Modo de endereçamento

Para a análise jornalística há algumas estratégias de investigação desenvolvidas especificamente ao telejornalismo pela pesquisadora Itania Gomes(2007), que são: Estrutura de sentimento, Gênero Televisivo e Modo de Endereçamento⁶. Esta última será uma das ferramentas a partir da qual faremos a análise do *corpus* deste trabalho por melhor se enquadrar ao estudo proposto, junto à ritualidade, socialidade, competência da recepção, entre outras mediações já apresentadas no mapa de Martin Barbero.

Segundo a autora,

Modo de endereçamento é aquilo que é característico das formas e práticas comunicativas específicas de um programa, diz respeito ao modo como um programa específico tenta estabelecer uma forma particular de relação com sua audiência (cf. Morley & Brunsdon, 1978). A análise do modo de endereçamento associada ao conceito de gênero televisivo deve nos possibilitar entender quais são os formatos e as práticas de recepção solicitadas e historicamente construídas pelos programas jornalísticos televisivos. Na nossa perspectiva, o conceito de modo de endereçamento tem sido apropriado para ajudar a pensar como um determinado programa se relaciona com sua audiência a partir da construção de um estilo, que o identifica e que o diferencia dos demais. (GOMES, Itania, 2007, p.20)

Os “modos de endereçamento” são uma importante abordagem de análise em estudos sobre conteúdos audiovisuais. Antes de lidar com esta metodologia na análise de programas televisivos, a pesquisadora Simone Maria Rocha (2011) fez, em seu artigo publicado na Revista Interamericana de Comunicação Midiática, um interessante retorno ao primeiro emprego dos modos de endereçamento, que data dos anos 1970 e que foi inicialmente pensado para a análise fílmica(informação importante também dentro de nossa análise). Este movimento é necessário para que

⁶ Os três conceitos foram desenvolvidos pela autora e seu grupo de pesquisa inspirados em noções culturais. Estrutura de sentimento é uma noção formulada por Raymond Williams que busca compreender a cultura enquanto processo. Gênero televisivo, segundo Martin-Barbero, visa dar conta dos aspectos gerais que configuram os produtos na televisão. Modo de endereçamento destina-se à análise de programas e ao modo como constroem sua identidade. Por esta razão, utilizaremos, neste trabalho, o conceito metodológico de modo de endereçamento para servir como ferramenta para a análise dos programas *Jornal Futura* e *Como Será?*

entendamos o novo olhar que tal metodologia adquiriu a partir das atualizações advindas do questionamento de sua formulação inicial. É justamente esta mudança no olhar que torna os modos de endereçamento um conceito metodológico nos estudos sobre televisão.

Segundo Elizabeth Ellsworth (2001), a noção de “modos de endereçamento” surge com a preocupação de compreenderem-se as relações estabelecidas entre o texto de um filme e a experiência de seus espectadores, podendo ser expressa pela seguinte pergunta: quem este filme pensa que você é? Nesse contexto, a primeira formulação dos “modos de endereçamento” seria um conjunto de mecanismos imateriais cristalizados na narrativa de modo a tentar propor uma ligação sólida entre o filme e a audiência real. O sucesso de bilheteria seria uma consequência do refinamento de se equiparar a audiência suposta à real.

O Modo de Endereçamento aplicado à televisão está dividido em quatro operadores de análise: o mediador, o contexto comunicativo, o pacto sobre o papel do Jornalismo e a organização temática. Eles nos ajudam a identificar os objetivos dos produtos telejornalísticos.

3.1.1 Mediador

Como primeiro operador, o “mediador” visa analisar o desempenho dos apresentadores, repórteres, comentaristas e outros protagonistas da informação, observando seu visual, gestos, posicionamento e como eles estabelecem a aproximação com o telespectador.

Mas o modo de endereçamento diz respeito também aos vínculos que cada um dos mediadores (âncoras, comentaristas, correspondentes, repórteres) estabelece com o telespectador no interior do programa e ao longo da sua história dentro do campo, à familiaridade que constrói através da veiculação diária/semanal do programa, à credibilidade que constrói no interior do campo midiático e que “carrega” para o programa, ao modo como os programas constroem a credibilidade dos seus profissionais e legitimam os papéis por eles desempenhados. (GOMES, Itania, 2007, p.24)

No caso do *Jornal Futura* temos exemplificada nas figuras da editora, apresentadores e repórteres toda a informalidade que compõe o perfil do programa.

Do discurso ao visual, há uma coerência voltada para uma linguagem simples e objetiva que convoca o telespectador a uma aproximação com o jornal.

3.1.2. Contexto Comunicativo

Este operador de análise se refere ao "contexto comunicativo" em que o programa televisivo acontece; o contexto compreende tanto emissor, quanto receptor, além das circunstâncias espaciais e temporais em que o processo comunicativo ocorre. A comunicação tem lugar em um ambiente físico, social e mental partilhados; os modos como os emissores se apresentam, como representam seus receptores e como situam uns e outros em determinada situação. De acordo com Gomes,

Um telejornal sempre apresenta definições dos seus participantes, dos objetivos e dos modos de comunicar, explicitamente ('você, amigo da Rede Globo', 'para o amigo que está chegando em casa agora', 'esta é a principal notícia do dia', 'Agilidade, dinamismo e credibilidade é o que queremos trazer para você', 'você é meu parceiro, nós vamos juntos onde a notícia está) – ou implicitamente – através das escolhas técnicas, do cenário, da postura do apresentador. (GOMES, Itania, 2007, p.25)

Nesse caso, podemos dizer que, além da convocação já referida para a competência de consumo do receptor (BARBERO, 2009), há uma tendência de interação dos apresentadores com a recepção via internet por meio de recebimento de e-mails com perguntas para uma entrevista que pode ser feita ao vivo, da participação do telespectador em enquetes, bem como quando o jornal fornece dicas culturais estimulando visitas a *sites* anunciados na apresentação.

3.1.3 Pacto sobre o Papel do Jornalismo

O terceiro operador, o pacto sobre o papel do jornalismo, possibilita uma análise de como o jornalismo lida e atualiza as noções de objetividade, imparcialidade, factualidade, interesse público, responsabilidade social, liberdade de expressão e de opinião, atualidade, quarto poder; como lida, também, com as ideias de verdade, pertinência e relevância da notícia, com as quais valores-notícia de referência opera. Mensurar tudo isso se torna possível graças a uma série de acordos tácitos que dirão ao telespectador o que deve esperar ver no programa.

Os recursos técnicos a serviço do jornalismo, ou seja, o modo como as emissoras lidam com as tecnologias de imagem e som colocadas a serviço do jornalismo, o modo como exibem para o telespectador o trabalho necessário para fazer a notícia são fortes componentes da credibilidade do programa e também da emissora e importante dispositivo de atribuição de autenticidade.[...]Mas as transmissões ao vivo ainda são o melhor exemplo do modo como os programas buscam o reconhecimento da autenticidade de sua cobertura por parte da audiência. (GOMES, Itania, 2007, p.26)

3.1.4 Organização Temática

O quarto e último operador de análise é a organização temática que está inserida na produção, construção e organização do programa. Essa organização implica, por parte do programa, no conhecimento de certos interesses e competências do telespectador. O próprio tema, no caso dos programas de jornalismo temático, obviamente é um dos operadores de maior importância para a análise do modo de endereçamento. Sobre telejornais a autora diz:

Para os telejornais, entretanto, a análise da organização temática demanda maior atenção e por vezes só pode ser compreendida através da observação do modo específico de organizar e apresentar as diversas editorias e do modo específico de construir a proximidade geográfica com sua audiência. Um telejornal pode ser local, regional, nacional ou internacional. Sem ser temático, o telejornal pode enfatizar as editorias de economia e política, ou a de cultura e lazer, ou a de esportes. (GOMES, Itania, 2007, p.27)

Estes operadores não possuem hierarquia, todos são relevantes e não devem ser impostos aos programas; ao contrário, cada programa parece sugerir qual operador o define melhor.

3.2 Aplicação dos operadores de análise no *Jornal Futura*

Para esta análise foram selecionados vídeos de dez edições completas do *Jornal Futura* dos meses de janeiro a abril de 2014 (dias 03 e 28/01/2014, 10 e 20/02/2014, 14, 17 e 21/03/2014, 04, 18 e 28/04/2014).

Buscando aplicar os operadores de análises no jornalismo, começaremos pelo mediador, centrado no apresentador que controla a sequência do jornal e as

chamadas de reportagens, tecnicamente denominado “âncora”, e cuja importância a autora Itania Gomes expressa no seguinte trecho:

Sem dúvida, em qualquer formato de programa jornalístico na televisão, o apresentador é a figura central, aquele que representa a “cara” do programa e que constrói a ligação entre o telespectador, os outros jornalistas que fazem o programa e as fontes. Assim, para compreender o modo de endereçamento, é fundamental analisar quem são os apresentadores, como se posicionam diante das câmeras e, portanto, como se posicionam para o telespectador. (GOMES, 2007, p. 24).

3.2.1 *Jornal Futura* e o Mediador

Segundo Paulo Freire (1988), a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se conectam dinamicamente.

A linguagem visual predominante no *Jornal Futura* utilizada pelos apresentadores é a informal, notada pelo uso de roupas despojadas e coloridas pelos apresentadores; quanto à linguagem verbal, eles usam frases simples e que pressupõem intimidade com o receptor. Sem prejuízo à qualidade da informação, tanto na apresentação quanto nas reportagens.

A imagem abaixo mostra um exemplo de roupa descontraída usada pela apresentadora e editora, Juliana Wexel.

Ilustração 2 – Apresentadora, de vestido estampado



Fonte: *Jornal Futura* de 14/03/201

Referente às estratégias visuais do telejornalismo, Juliana Gutmann ressalta:

O cenário dos telejornais de rede é, geralmente, composto pela redação em segundo plano ou por um painel com elementos gráficos relacionados à marca visual do programa. Os apresentadores são postos em primeiro plano sentados numa bancada. A imagem da redação conforma um lugar de trânsito, ação, movimento, onde circulam informações, figuradas pela presença de computadores, telefones, televisores e os jornalistas, representação empírica do staff de produção. Quando o cenário dos programas é confundido com seu ambiente de produção (a redação), o sentido que se pretende produzir é o de permanente vigilância, como se o telejornal nos dissesse “estamos em estado de alerta”. Ao mesmo tempo, evoca-se proximidade com o público, que tem sua experiência de recepção simbolicamente atrelada ao momento de produção das notícias. (GUTMANN, 2013, p35)

O *Jornal Futura* parece quebrar alguns dos paradigmas apresentados acima. O programa não faz uso de bancada (marca de alguns telejornais); desse modo elimina uma possível barreira e diminui a distância simbólica entre o apresentador e o telespectador. Essa comparação pode ser feita com as imagens abaixo:

Ilustração 3 – Bancada do Jornal Nacional



Fonte: <http://oplanetatv.clickgratis.com.br>

Ilustração 4 – Bancada do Jornal do SBT



Fonte: <https://clubdatelevisao.wordpress.com>

Ilustração 5 – Apresentador do *Jornal Futura 1*



Fonte: J.F. edição de 28/01/2014

Ilustração 6 – Apresentadora do *Jornal Futura 2*



Fonte: J.F. edição de 14/03/2014

A âncora e editora do jornal, Juliana Wexel, traz em seu visual a quebra de outro paradigma, o da formalidade de apresentadores de telejornais. Primeiro, ao utilizar a espontaneidade, expressões gestuais e linguagem objetiva como instrumento da comunicação coloquial, segundo, ao vestir roupas bem coloridas, que destacam sua beleza e simpatia sem a preocupação de apresentar-se formalmente. Depois, pela ousadia de vestir-se com roupas além de coloridas, estampadas e que quase sempre mostram seus ombros e exibem uma evidente tatuagem da apresentadora, dando a ela um toque de moda, personalidade, juventude, informalidade e até protesto e resistência, noções vinculadas à tatuagem no passado. A apresentadora comanda as chamadas e reportagens com total controle e extrema tranquilidade.

Segue sequência de imagens da apresentadora em dias diferentes.

Ilust. 7 - Juli Wexel roupa1



Fonte: J.F. edição 17/03/14

Ilust. 8 - Juli Wexel roupa2



Fonte: J.F. edição 14/03/14

Ilust. 9 - Juli Wexel roupa3



Fonte: J.F. edição 21/03/14

Ilust. 10 - Juli Wexel roupa4



Fonte: J.F. edição de 18/04/2014

Ilust. 11 - Juli Wexel roupa5



Fonte: J.F. edição de 28/04/2014

O impacto visual concerne não só à apresentadora, mas também, consequentemente, ao veículo que ela está representando. Uma pesquisa mais

apurada seria necessária para uma afirmação mais contundente a respeito; porém, percebe-se que esses aspectos visuais trazem ao *Jornal Futura* um caráter dinâmico e atrativo, especialmente para os jovens.

Ilustração 12 - Tatuagem da apresentadora



Fonte: <http://wp.clicrbs.com.br/>

Nas edições escolhidas para esta análise, selecionamos algumas que não foram apresentadas pela produtora e apresentadora principal, Juliana Wexel. Foi interessante analisar que, mesmo em sua ausência, percebemos a manutenção da mesma *performance* e didática utilizada por seus substitutos interinos.

Ilustração 13 – Jornalista Carol Anchieta



Fonte: *Jornal Futura* edição de 03/01/2014

Por exemplo, na edição de 03 de janeiro 2014, o *Jornal Futura* foi apresentado pela jornalista Carol Anchieta, em pé, com maquiagem simples, roupa

despojada, com papel e caneta na mão, utilizando-se de expressões e linguagem bem descontraídas para cativar o seu público consumidor. O trecho a seguir do encerramento do programa exemplifica a linguagem coloquial por ela utilizada:

“A gente encerra, então, essa edição de hoje do *Jornal Futura*. A gente contou com as nossas equipes aqui do Rio de Janeiro, com a TV Omesp de São Bernardo do Campo, em São Paulo, e com a ONG Cipó de Salvador, na Bahia. A gente se encontra novamente, então, segunda-feira, às cinco horas para mais uma edição, ao vivo, do *Jornal Futura*, e a gente te espera. é claro. Um ótimo final de semana.”

Já nas edições dos dias 29 de janeiro, 10 e 20 de fevereiro de 2014, a apresentação do programa foi feita pelo jornalista Thiago Gomide, que atualmente é âncora do programa A Rede, na rádio Roquette Pinto, e editor e apresentador do programa Sala de Debate, no Canal Futura.

Ilustração 14 - Jornalista Thiago Gomide



Fonte: J.F. edição 28/01/2014

O jornalista apresentou o *Jornal Futura* com visual igualmente informal. De pé, barba por fazer, camisa para fora da calça, mangas dobradas e *jeans* compõem o visual usado pelo âncora na apresentação dessas edições. As expressões faciais e textuais e a entonação também são informais, em frases como:

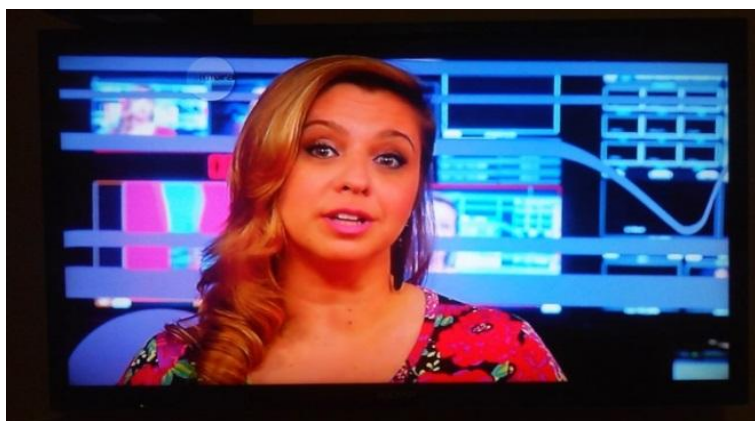
“Olá, tudo bem, muito boa tarde, seja bem-vindo, seja muito bem-vinda, hoje é quarta-feira, dia 29 de janeiro de 2014, e o *Jornal Futura tá no ar*” [...] “Atualmente, nas grandes e médias cidades, a tecnologia costuma ir pra tudo que é canto. Agora a novidade é o consumidor que está na praia, poder comprar os mais diferentes produtos com cartão de crédito e também de débito. Vamos ver como o comércio ambulante de Santa Catarina faz uso

dessa tecnologia.”

[...]Chegamos ao final de mais uma edição do *Jornal Futura*. Participaram dessa edição as faculdades TV UFOP, ou seja, de Ouro Preto – Minas Gerais, também PUCTV, de Belo Horizonte, também, em Minas Gerais a nossa equipe aqui do Rio de Janeiro, com a Juliana Wexel, e é isso daí. Amanhã tem mais *Jornal Futura* pra você. Eu te espero às 5 horas da tarde, aqui no canal Futura, tchau, tchau.”

Embora Juliana Wexel assuma o papel de apresentadora principal e editora – sem dúvida ela é a principal voz do programa – outros jornalistas podem ocupar seu lugar sem prejuízo do estilo do programa.

Ilustração 15 - Apresentadora e editora Juliana Wexel



Fonte: <http://www.tvsdorj.com>

A descontração presente no desempenho dos apresentadores, que também é acompanhada pelos repórteres, sem prejudicar ou diminuir a importância da notícia, aproxima o veículo da linguagem do dia a dia do telespectador, que acaba sendo atraído pela empatia desses interlocutores. Constroem, assim, uma imagem de familiaridade com as situações sociais cotidianas, que remetem à mediação da ritualidade do mapa de Martin-Barbero, comentado por Ana Carolina Escosteguy:

Essa mediação dá conta da articulação da memória para a leitura das notícias, está relacionada à competência comunicativa cultural do veículo e às possibilidades de decodificação do receptor, e engloba, também, os “ritos” de leitura. Dá conta de como os produtos jornalísticos são consumidos — do processo de “leitura”, dos espaços de consumo, da forma de consumo (individual ou coletiva, por exemplo), dos efeitos do formato jornalístico sobre o receptor (credibilidade, sentido de veracidade). (ESCOSTEGUY, 2012, p20)

As outras seis edições analisadas foram produzidas e apresentadas pela

âncora principal, Juliana Wexel, que acaba ditando o tom de informalidade e descontração desse programa televisivo. Juliana Wexel é jornalista e atriz, mestre em Letras, Cultura e Regionalidade pela Universidade de Caxias do Sul-RS. Possui graduação em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo pela Universidade de Caxias do Sul (2004). Atualmente é jornalista do Canal Futura, editora e apresentadora do programa diário e ao vivo *Jornal Futura* e responsável pelo projeto de Produção de Telejornalismo em Rede no Núcleo de Telejornalismo do Futura junto às televisões universitárias de 33 Universidades Parceiras da emissora. O tom é ditado por ela, não só pelo uso da linguagem coloquial, mas principalmente pelo visual despojado e a dinâmica da forma de apresentação e locução das matérias, tom que, como citado anteriormente, é acompanhado pelos outros apresentadores e repórteres do programa. Como afirma Gomes (2007), a *performance* do mediador é um ponto central dos modos de endereçamento dos programas telejornalísticos.

Sempre com muita empatia, busca familiarizar o receptor, como, por exemplo, no encerramento de uma entrevista ao vivo na edição de 17 de março de 2014, quando se reporta ao telespectador, convocado algumas vezes a participar do programa via internet, com a seguinte frase: “... e você de casa, fique aí, porque a gente volta daqui a pouquinho, com mais *Jornal Futura*”. Pretendeu, desse modo, que o espectador se sentisse na sala da entrevista, ocupando, de alguma forma, também o papel de entrevistador.

Outra fala importante da apresentadora convocando o receptor foi registrada na edição do dia 21 de março de 2014, quando anunciava o término de uma série de matérias especiais, chamada “semana da água”, que tratou a problemática do uso da água, com abordagem de temas sobre esgotos domésticos, lixo, poluição de rios e lagos em todo mundo. O texto foi o seguinte:

[...]Se há mais pessoas aglomeradas, sem a menor infraestrutura, mais água será necessária, mais lixo e esgoto serão gerados e lançados nos mananciais e por aí vai. Será que já não é hora da gente mudar de postura e também exigir que o poder público faça, de fato, a sua parte? O assunto é tema de entrevista, ao vivo aqui no estúdio. Participe com perguntas e comentários pelo telefone[...]

Trata-se de uma convocação literal ao espectador para que ele ocupe seu

espaço como cidadão. Utilizando a ferramenta do mediador como operador analítico, Itania Gomes ressalta a importância dessa mediação:

O mediador é o responsável pela predominância do verbal na televisão e, nesse sentido, temos adotado como ferramenta para observação do texto verbal dos mediadores as estratégias narrativas e argumentativas desenvolvidas, considerando os recursos retóricos e persuasivos empregados. (GOMES, 2007, p.25)

A apresentadora, em sua convocação, demonstra também ao telespectador a função de vigilância do jornalismo como suposto parceiro da comunidade, o que será comentado no terceiro operador de análise, o “pacto sobre o papel do jornalismo”.

3.2.2 Jornal Futura e o Contexto Comunicativo

Sobre enunciadores e enunciatários, Juliana Gutmann, em seu artigo que leva o nome de “Contexto comunicativo: pensando um operador para análise de estratégias comunicativas no telejornalismo”, escreve:

“O contexto comunicativo compreende os enunciadores, que são as figurativizações dos programas, os enunciatários, a audiência presumida que também atua como sujeito discursivo, e as circunstâncias espaciais e temporais nas quais o processo comunicativo ocorre. No telejornalismo, os sujeitos enunciadores são representados empiricamente pelos mediadores, os apresentadores, repórteres, correspondentes e comentaristas (GOMES, 2007), e os sujeitos enunciatários referem-se às posições construídas para a audiência posta enquanto interlocutora primeira dos programas e que também pode adquirir figurativizações nos textos, a partir do lugar de personagem de uma reportagem, por exemplo.” (GUTMANN, p.32)

O dicionário Aurélio de língua portuguesa define a palavra “contexto”, do latim “contextus”, como “conjunto de circunstâncias à volta de um acontecimento ou de uma situação”. Conjunto de elementos linguísticos à volta de som, palavra, locução, construção, parte de discurso, etc. Definições que se aplicam perfeitamente ao que será abordado na análise do *Jornal Futura*. Segundo GOMES(2007), contexto comunicativo compreende tanto emissor quanto receptor, além das circunstâncias espaciais e temporais em que o processo comunicativo se dá.

O cenário do programa, nesse contexto comunicativo, é bem simples; fundo

transparente mostrando sutilmente a redação, que tem como objetivo passar uma ideia de um lugar de trânsito, ação e movimento, onde circulam informações.

O programa começa com uma vinheta bem colorida e sonorizada por vocais que remetem à música popular brasileira, com um timbre acústico que lembra o som da capoeira que contrasta com as vinhetas de jornais tradicionais que usam, normalmente, apenas timbres digitais.

Ilustração 16 – Vinheta de abertura do *Jornal Futura*



Fonte: Jornal Futura edição de 28/04/2014

Já na primeira edição analisada, de 03 de janeiro de 2014, podemos perceber no discurso da apresentadora Carol Anchieta, em sua chamada principal, aspectos de temporalidade e espacialidade com os envolvidos nesse processo comunicativo:

“O poeta Castro Alves disse que “bendito é aquele que semeia livros”, e parece que foi inspirada em uma das poesias mais conhecidas do baiano que uma diretora de um colégio em Niterói, aqui no Rio de Janeiro, criou um projeto de intercâmbio literário intelectual, onde os alunos escreveram, produziram e enviaram livros para alunos de uma escola bem distante, de outro Estado, do Maranhão. A iniciativa, da mesma forma que um livro, propõe uma queda de barreiras, onde a criatividade une e permite que cresçamos juntos, trocando ideias, aprendendo e ensinando. A educação só tende a ganhar com propostas inovadoras, que não precisam obrigatoriamente, utilizar elementos não tradicionais. O livro, a imaginação e a coletividade estão aí há muito tempo, só precisamos tirar do papel e colocar na prática.”

Observamos, nessa abertura, a intenção de aproximar o assunto não só aos alunos dos estados envolvidos (Rio de Janeiro e Maranhão), mas a todos os telespectadores, quando a apresentadora utiliza a frase “criatividade une e permite que cresçamos juntos”, inserindo, assim, todos os que estão assistindo ao programa naquele contexto comunicativo. Isso, além de considerar a grande distância entre Rio de Janeiro e Maranhão como um obstáculo superado pelo projeto. No item temporalidade, ela se utiliza do enunciado “o livro, a imaginação e a coletividade estão aí há muito tempo”, referindo-se à possibilidade de todos se envolverem com o tema em pauta, já que os elementos estão disponíveis para todos o tempo todo.

Conforme afirma Gomes sobre o conceito de “modos de endereçamento” por ela desenvolvido, os operadores estão interligados e funcionam em harmonia para o desenvolvimento e definição da análise. Assim, notamos que o contexto comunicativo, no caso do *Jornal Futura*, está diretamente relacionado à organização temática, que define as pautas de cada edição. GOMES (2007) declara,

Os operadores se articulam entre si, não devem ser observados nem interpretados isoladamente. Ao mesmo tempo, é importante tomar em conta que o objetivo de análise não deve ser descrever ou interpretar cada um dos operadores isoladamente, mas, através dos operadores, acessar o modo de endereçamento de um programa específico: os operadores são os “lugares” para onde o analista deve olhar, não o fim último do esforço analítico. (GOMES, 2007, p.24)

Nessa interação com os outros operadores de análise, no final da chamada citada, na frase “O livro, a imaginação e a coletividade estão aí há muito tempo, só

precisamos tirar do papel e colocar na prática”, percebemos na expressão “tirar do papel” uma cobrança de atitude comum ao jornalismo como quarto poder, ou, mais uma vez, um sentido de vigilância e fiscalização que cobra dos cidadãos e das autoridades atitudes que deveriam ser postas em prática (aspecto ligado ao pacto sobre o papel do jornalismo, que veremos mais à frente).

Na edição de 10 de fevereiro de 2014, exibida pelo jornalista Thiago Gomide, destacamos a matéria sobre tatuagem que, além de ser um tema atual, o âncora aproxima-o do telespectador, estimulado pela curiosidade, quando o mediador apresenta um histórico sobre o assunto e convoca à participação com o seguinte texto de abertura:

A tatuagem é muito antiga, mas há diversas hipóteses sobre a sua origem. Uma suposição seria a de permitir ao homem o registro de sua história em seu próprio corpo. Fala-se em tatuagem entre os antigos egípcios, entre os povos da polinésia, entre os índios americanos, entre os esquimós e também, claro, em nações indígenas brasileiras. A prática se difundiu no continente com objetivos diferentes: religiosos, identificação de grupos sociais e até como marcação de prisioneiros e escravos. Mais recentemente, a tatuagem foi significado de rebeldia e afirmação pessoal. Atualmente ela está no gosto popular no Brasil. Os cuidados preventivos que devem ser tomados antes de submeter-se a um tatuador é tema de entrevista aqui no estúdio e você, claro, pode fazer sua pergunta, seu comentário pelo telefone ou pelo nosso twitter @canalfutura.

Além da informação cultural e do convite direto para participação do telespectador na entrevista, com perguntas e comentários, o fato de o jornalista chamar a entrevista não com o título “tatuagem”, mas sim com o título “cuidados preventivos para se fazer uma tatuagem” sugere que parte significativa da audiência seja formada por telespectadores que também desejam possuir uma tatuagem e, logo, receberão orientações necessárias para realizar este desejo de forma mais segura por meio da entrevista.

Entre as edições analisadas apresentadas pela jornalista Juliana Wexel, ressalta-se, no contexto comunicativo, a coluna especial “Olho na escola” do dia 14 de março, em que o colunista Antonio Gois (Especialista em Educação do Canal Futura e jornalista da sucursal da Folha de São Paulo no Rio de Janeiro) discute as políticas públicas e a gestão de recursos para ampliação e manutenção das

condições da estrutura física das escolas públicas do país.

Ilustração 17 – Jornalista Antonio Gois



Fonte: <http://tvhumana.com/tag/jornal-futura/page/2/>

A seguir o texto do colunista Gois:

O programa Fantástico da Rede Globo mostrou, no domingo passado, cenas revoltantes de abandono em escolas públicas brasileiras. São escolas onde falta banheiro, falta água, esgoto corria a céu aberto e as vezes faltava, inclusive, até uma sala de aula pros alunos estudarem. Um completo absurdo. A pergunta que se faz ao ver uma reportagem como esta é como chegamos ao século 21 ainda com escolas nessa situação? Em primeiro lugar, é preciso reconhecer que a reportagem mostrou casos extremos, ou seja, nem todas as escolas públicas brasileiras, ainda bem, estão naquela situação. Ainda assim, é revoltante que existam estabelecimentos, como aqueles. O que se pergunta é o que podemos fazer para o futuro? Houve avanços nas políticas públicas, o FUNDEB, por exemplo, um fundo que redistribui recursos de Estados, Municípios e União de modo a garantir um investimento mínimo por aluno, trouxe avanços para a educação pública brasileira, aumentando o financiamento na educação pública. Em discussão no Congresso, o Plano Nacional de Educação também prevê um aumento de recursos ao estabelecer um custo por aluno/qualidade. É uma discussão, porém, mais difícil de ser encaminhada no Congresso, porque envolve um aumento significativo de recursos públicos, coisa que o Governo nem sempre está disposto a fazer. Por último, é preciso, também, olhar com atenção a tramitação, também no Congresso, da Lei de Responsabilidade Educacional, que prevê a punição de gestores que deixem a educação pública chegar a níveis como estes mostrados na reportagem. Em resumo, a lição é a seguinte, a sociedade precisa ter mais mecanismos para se proteger dos maus gestores da educação pública.

O colunista faz, nesse texto, críticas contundentes especialmente aos gestores da educação pública. Note-se nos trechos sublinhados a inserção do público nas questões, ao fazer perguntas na primeira pessoa do plural: “Como chegamos no século 21 ainda com escolas nessa situação?” e “O que podemos

fazer para o futuro? É uma convocação explícita ao telespectador para uma fiscalização do poder público, dos processos pendentes para a solução de um problema nacional extremamente importante para todo cidadão, a Educação. É o *Jornal Futura* convocando o receptor à cidadania.

Além do teor das matérias, há outros elementos constitutivos do “contexto comunicativo” que visam criar empatia com o telespectador, tais como a apresentação visual do próprio veículo – com vinhetas coloridas na abertura e nos intervalos – sonoplastia que remete à capoeira, som bem brasileiro e diferente do padrão usado pelos jornais televisivos de outras emissoras, além de dicas culturais diárias e o critério de escolha das pautas, que será abordada no operador de análise “organização temática”.

3.2.3 Jornal Futura e o Pacto sobre o Papel do Jornalismo

O terceiro operador de análise a ser aqui considerado é o “pacto sobre o papel do jornalismo”, que indicará ao telespectador o que ele deve esperar assistir no programa em termos de credibilidade, objetividade, interesse público e atualidade. A pesquisadora Itania Gomes sustenta:

O telejornalismo é, então, uma construção social, no sentido de que se desenvolve numa formação econômica, social, cultural particular e cumpre funções fundamentais nessa formação. A concepção de que o telejornalismo tem como função institucional tornar a informação publicamente disponível e de que o que faz através das várias organizações jornalísticas é uma construção é da ordem da cultura e não da natureza do jornalismo ter se desenvolvido deste modo em sociedades específicas. (GOMES, 2007, p.4)

A função do jornalismo de informar com objetividade passa pelos procedimentos dos jornalistas de cada veículo e pela expectativa de seus receptores para que aconteça a mencionada “construção” cultural. A objetividade tão sugerida como alvo dos produtos jornalísticos é relativa; na realidade ela inexistente, já que esse pacto está relacionado a inúmeras variáveis de produção e recepção. Para a pesquisadora Fernanda Maurício da Silva,

Não é da natureza do jornalismo ser objetivo, mas essa característica resulta de processos históricos que conformaram tanto os procedimentos dos jornalistas quanto as expectativas da audiência. O jornalismo praticado na televisão se sustenta sobre essas premissas – próprias do campo jornalístico, e não de um veículo específico – que se materializam por meio de uma articulação com o meio audiovisual. O uso da imagem como estratégia de legitimidade na cobertura dos fatos (como se a imagem representasse mais fielmente a realidade, conferindo uma legitimidade retórica aos programas televisivos), o deslocamento de equipes de jornalismo em busca das informações, os recursos de edição e montagem, os enquadramentos da câmera, as inserções ao vivo, são alguns recursos da linguagem televisiva empregados pelos programas para construir sua autenticidade diante da audiência. (SILVA, 2011, p. 241)

Em uma análise técnica jornalística, podemos identificar, no *Jornal Futura*, o formato ditado pelo gênero jornalístico para as produções televisivas, a saber: utilização de recursos para apresentação ao vivo, vinheta, escalada, cabeças de matérias, vt's com sonoras e off's, entrevistas, chamadas de blocos, entre outros. Se nos basearmos apenas ferramentas, poderíamos avaliar esse produto apenas como mais um jornal da TV. Porém, outras questões importantes que definem os telejornais estão, a princípio, ausentes da proposta do *Jornal Futura*. Por exemplo, a preocupação excessiva com a instantaneidade e simultaneidade tão presentes em noticiários factuais, que parecem ser objetivos básicos do telejornalismo brasileiro. Elementos que reportam o telespectador a uma sensação de participante de fatos que estejam acontecendo naquele momento; consequentemente, a sensação de leitura de uma revista semanal do receptor do *Jornal Futura* e não de um periódico diário. Apesar de o jornal ser veiculado diariamente, ele não necessita transmitir as informações do dia corrente.

Sobre atualidade como “marcador da cotidianidade”, o pesquisador Wilson Gomes declara:

Os limites entre o que existe e é de interesse público, digno de publicização, o que existe apenas no âmbito da ficção e aquilo que, apesar de existir, é pouco relevante para uma determinada coletividade são construídos numa espécie de pacto entre o jornalismo e os consumidores da notícia. É esse acordo tácito que faz com que, através das notícias, os fatos do mundo sejam chamados de reais. Dessa forma ao lado do sentido de interesse público, o jornalismo teria o sentido de atualidade como um modo de produção das “narrativas por onde se experimenta os quadros do mundo nesse momento” (GOMES, W. 2009, p15)

O autor revela que, de certo modo, cabe ao consumidor atribuir a importância a cada informação recebida, de acordo com seu interesse. No caso do *Jornal Futura*, se por um lado não se nota a presença do factual, por outro, percebe-se uma grande preocupação com a questão social ao abordar temas atuais do cotidiano de interesse público. Para estimular o receptor, o programa convoca-o a uma participação mais ativa na sociedade, trabalhando o conceito de formação da cidadania e aludindo ao acordo tácito entre o jornalismo e o consumidor da notícia, citado por Gomes (2009).

As pautas são, a princípio, frias, porém sempre acompanhadas de uma estratégia de atualização, como, por exemplo, na edição do dia 20 de novembro de 2014. Nela o jornal apresentou matérias sobre o Zumbi dos Palmares e sobre a população quilombola, através de importantes informações históricas e geográficas fornecidas mediante a estratégia de atualização e argumento para entrar no assunto: a escolha do dia 20/11 como “Feriado da Consciência Negra” com grande destaque na abertura do programa.

Além dessa particularidades, o *Jornal Futura* desenvolve o “pacto sobre o papel do jornalismo” de modo singular. O uso de imagens ilustrativas em praticamente todas as matérias compõe parte da estratégia de legitimidade. Por exemplo, na edição de 18 de abril de 2014, a apresentadora Juliana Wexel inicia o programa enaltecendo um cartão postal do Brasil para, em seguida, mostrar o estado lamentável em que ele se encontra, tudo isso ratificado ou legitimado pelas imagens. Na abertura a jornalista diz:

Nessa edição você vai ver que uma das belas paisagens brasileiras, a baía de Guanabara, está transfigurada de tanta sujeira. Hoje a baía é o destino de vários rios e da água da chuva que cai sobre uma área onde vivem 10 milhões de pessoas. Uma grande parte sem saneamento e com coleta de lixo precária. E tudo o que é arrastado pelas águas acaba na baía. Esgotos que não são tratados, e muito, mas muito lixo. O assunto é um dos nossos destaques de hoje. (Wexel)

Ilustração 18 – Baía da Guanabara poluída



Fonte: Jornal Futura, edição de 18/04/2014

Além do grande impacto visual produzido quando vistas as imagens, nota-se também o teor crítico de indignação que contem o texto de abertura da jornalista. Está implícito nesse pacto outra expectativa da audiência: a de que o jornalismo, através dos meios de comunicação de massa, deve cobrar dos governos municipal, estadual e federal os direitos básicos de sobrevivência da população, exercendo, assim, um tipo de “quarto poder”, como atesta Afonso de Albuquerque.

O exercício deste "Quarto Poder" não se dá no âmbito do Estado e não se confunde com as prerrogativas dos três poderes constitucionais. Ele se exerce, ao invés, pela publicização dos problemas políticos para o conjunto da sociedade. Mais precisamente, ele implica o compromisso da imprensa com a objetividade no tratamento das notícias. (Albuquerque, 2000, p.25).

Publicizar questões políticas, especialmente voltadas para a Educação, Cultura e Cidadania, é uma prática frequente no *Jornal Futura*, que faz várias inserções de conteúdos que poderiam ser concebidos sob esse ponto de vista, como na locução de abertura da apresentadora na edição do dia 14 de março de 2014.

O cicloativismo no Brasil se articula para influenciar nas políticas públicas de mobilidade urbana de maneira que as cidades brasileiras estabeleçam mais espaços para bicicleta e pedestre e menos para os carros, de acordo com o Plano Nacional de Mobilidade Urbana, aprovado em 2012. O movimento, hoje, já consegue organizar fóruns de discussões internacionais sobre o assunto e assim abrir as portas em outras frentes de luta pela sustentabilidade.

O apoio explícito do *Jornal Futura* à causa dos ciclistas e pedestres convoca o receptor a uma reflexão individual e coletiva, uma vez que o assunto é de interesse coletivo.

No trecho que veremos a seguir, percebemos que na articulação que acontece entre os operadores de análise, o mediador, no caso a âncora do jornal, manifesta esse “pacto sobre o papel do jornalismo” quando demonstra uma postura de cobrança de atitudes tanto do governo como do cidadão, inclusive se inserindo no processo, pois se utiliza da expressão “a gente”. No dia 21 de março de 2014, quando anunciava o término de uma série de matérias especiais chamada “semana da água”, a apresentadora diz:

[...] Se há mais pessoas aglomeradas, sem a menor infraestrutura, mais água será necessária, mais lixo e esgoto serão gerados e lançados nos mananciais ,e por aí vai. Será que já não é hora da gente mudar de postura e também exigir que o poder público faça, de fato, a sua parte?

A fala da jornalista denota um apelo à reação do governo e dos cidadãos para encontrarem uma solução ao problema social e ambiental.

A cobertura dos fatos e o deslocamento de equipes de jornalismo em busca das informações também caracterizam a função do jornalismo. A parceria do Canal Futura com trinta universidades onde funcionam televisões e núcleos de TV espalhados pelo Brasil proporciona um grande envolvimento de alunos e profissionais, o consequente relacionamento com os jovens, além de trazer, ao *Jornal Futura*, uma gama de possibilidades de cobertura de assuntos de interesse do público em geral, que é o foco do veículo. Para exemplificar, a matéria gravada pela TV UNISC de Santa Cruz do Sul sobre agricultura familiar no Rio Grande do Sul, na edição de 17 de março, teve em sua chamada o seguinte texto:

O desafio de diversificar a produção no campo reúne agricultores no Rio Grande do Sul em busca de assistência técnica. Segundo o último censo agropecuário, o Brasil conta com mais de 4 milhões de pequenas propriedades na agricultura familiar. No entanto, ocupam apenas 24,3% das áreas rurais do país. E são responsáveis pela produção de 70% dos alimentos consumidos no Brasil. Hoje você vai conhecer a história de uma família gaúcha, do interior de Santa Cruz do Sul, que descobriu, na produção de leite, a oportunidade de retomar o trabalho no campo. Eles fazem parte do grupo de famílias que participam da chamada pública da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural, a EMATER. A reportagem é da TV UNISC de Santa Cruz do Sul.

Ilustração 19 – Produção no campo



Fonte: Jornal Futura, edição de 17/03/2014

Em quase todas as edições do programa há matérias de pelo menos dois ou três estados diferentes. Essas parcerias, muito bem administradas, sugerem a dinâmica do jornal, cujo objetivo é trazer informações e mostrar problemas e soluções encontradas em todo o país, com o envolvimento de professores e alunos universitários.

Jornalismo envolve, ainda, recursos de edição e montagem de textos e imagens, enquadramentos de câmeras, sonoras, vinhetas, VTs, *closes*, *offs*, entre outras particularidades do universo jornalístico inerentes à produção do telejornal e que geram uma certa expectativa na audiência. Há uma familiaridade com os momentos do *Jornal Futura* que legitimam o veículo jornalístico quando esta expectativa é correspondida.

A entrevista ao vivo é um outro instrumento desse pacto que será analisado a seguir para completar a observação deste importante operador de análise. O *Jornal Futura* apresenta, regularmente, entrevistas ao vivo. Neste caso os temas são cuidadosamente escolhidos, sempre levando em conta a relevância do assunto para a audiência. A ativa participação do telespectador é fundamental, que envia suas perguntas e comentários pela internet ou telefone, como veremos na entrevista feita pelo Jornalista Thiago Gomide com a Dra. Giselle Seabra, sobre tatuagem, na edição de 10 de fevereiro de 2014:

Thiago (abertura da entrevista) — Vamos continuar falando de tatuagem e, pra isso, nós trouxemos a Giselle Seabra, que é professora e dermatologista do Hospital Universitário da UFRJ. Você que está em casa, no trabalho, na escola, na faculdade, seja mais do que bem-vindo, do que bem-vinda, a participar. Envie perguntas, comentários; tem duas maneiras de entrar em contato com a gente, pelo nosso twitter: @canal futura e o nosso telefone...

Thiago — Fazer uma tatuagem, muita gente faz por impulso, mas é importante ir num dermatologista antes?

Dra. Giselle — O ideal seria todo mundo ir num dermatologista antes, mas infelizmente não é isso que acontece e eu acho que uma das coisas mais importantes, que pouca gente se preocupa, é com a higiene do local. Uma reportagem falou que hoje os estúdios de tatuagem têm que ter registro na vigilância sanitária do Estado onde a pessoa mora. Isso é muito importante, porque isso certifica que o lugar foi inspecionado, que você tem uma esterilização adequada do material e, principalmente, deve-se visitar o estúdio, ver se realmente o profissional usa luva, usa máscara, se o material dele é descartável, essas condições de higiene.

Thiago — Marilena Martins do R. Janeiro — obrigado pela sua participação, sinta-se sempre em casa aqui no *Jornal Futura* — Marilena pergunta: É verdade que quem faz tatuagem não pode ser doador de sangue?

Dra. Giselle — O que acontece é que a tatuagem ainda é associada a um risco maior de doenças transmitidas pelo sangue. Essas doenças são o HIV, a hepatite B, a hepatite C, a sífilis e, com isso, muitos bancos de sangue preferem não considerar como potenciais doadores pessoas que têm tatuagem, porque isso inclui múltiplas punções e como o banco de sangue não tem como averiguar onde foi feito, se foi feito de maneira adequada, eles já excluem, desde o início, este tipo de doador.

Thiago — A Dilma Pires (audiência) está entrando num assunto que é extremamente comum. Dilma, obrigado pela sua participação, sinta-se sempre em casa aqui no *Jornal Futura*. A Dilma faz a seguinte pergunta: quando uma pessoa se arrepende, como é possível remover totalmente? E os danos pra pele?

Dra. Giselle — Pois é, dermatologista tem uma amostra viciada, porque no consultório a gente vê muitas pessoas arrependidas. Então, o primeiro conselho que eu dou é sempre pensar bem, muito bem, antes de realizar uma tatuagem. Porque a remoção é difícil, ela custa dinheiro e é demorada. As pessoas têm uma ideia de que a remoção com laser se faz em uma sessão e aquilo vai estar resolvido, e não é verdade. E, dependendo do tamanho da tatuagem, se for uma tatuagem pequena num local de fácil acesso eventualmente, se a pessoa tiver urgência de retirar aquela tatuagem, você pode remover cirurgicamente. Retira como se aquilo fosse uma lesão e dá um ponto, só que você vai trocar um desenho por uma cicatriz. Quando a tatuagem é maior, ou mais colorida, aí isso fica mais inviável e aí a gente tem os aparelhos modernos de laser.

Ilustração 20 – Dra. Giselle Seabra



Fonte: Jornal Futura edição de 10/02/2014.

A matéria mostra tanto a preocupação com a saúde individual dos cidadãos quando fazem a tatuagem, quanto com a saúde coletiva no momento da doação de sangue.

O papel do jornalismo é, portanto, ratificado nessa análise do conteúdo do programa, produzido com vários recursos e pautas centralizadas na audiência; esta, por sua vez, corresponde com participação ativa, não só assistindo ao programa, mas atuando nas entrevistas ao vivo – o que se torna uma forma de medição dessa audiência.

3.2.4 *Jornal Futura* e a Organização Temática

As pautas do *Jornal Futura* somadas ao seu perfil informal já descrito são os grandes diferenciais desse programa jornalístico. Entre as pautas estão temas diretamente ligados à cultura brasileira, meio ambiente, saúde, educação, cidadania, qualidade de vida e justiça social. Problemas de estrutura do ensino nacional, ações para a preservação do meio ambiente com sustentabilidade, mercado de trabalho diante do desenvolvimento do país, diversidade étnica e direitos humanos são alicerces da linha editorial do jornal.

De acordo com Gomes(2007), a “organização temática” é um operador de grande importância para a análise do “modo de endereçamento”. Na edição de 03 de janeiro de 2014 observou-se grande quantidade de pautas relacionadas à

educação. Cinco dos oito temas escolhidos para a edição tinham foco nela, como podemos verificar na transcrição da coluna “Olho na Escola” do jornalista Antonio Gois, que ocupou boa parte do tempo e espaço dessa edição e foi um de seus destaques.

Sempre quando olhamos um resultado ruim no Brasil na Educação, há quem diga, com uma parcela de razão, que no passado a escola pública era de qualidade. Porém, há um pouco de mito e pouco de verdade nessa afirmação. No que diz respeito aos mitos, é verdade que a escola pública foi de qualidade num determinado período, mas não durante toda a história brasileira. É bom lembrar que no século XIX e até meados do século XX, enquanto outros países já tinham um sistema estruturado de ensino atendendo quase a totalidade da população, o Brasil tinha escolas mal estruturadas, com professores mal pagos, sem currículo nacional, sem uma estrutura de ensino. Isso explica maus resultados no Brasil até mais ou menos meados do século passado. Porém, é verdade que houve um período de ouro da educação brasileira. Período em que nós ainda não tínhamos muitos alunos na escola; o censo do IBGE de 1940 destaca que apenas 31% das crianças de 7 a 14 anos estavam na escola naquele período. Hoje nós temos 100, e, além disso, nós tínhamos uma questão que não se repetiu nunca mais. Havia pouco espaço para as mulheres no mercado de trabalho e uma das poucas profissões que elas tinham acesso era o magistério. Com isso havia mulheres bem formadas, de famílias ricas que só tinham no magistério, praticamente, a única oportunidade de sair para trabalhar. Quando nós massificamos o ensino e essas mulheres bem qualificadas tiveram outras opções no mercado de trabalho, aconteceu o que nós vemos hoje: um ensino de massa que hoje atende a todos, o que é muito bom, porém de baixa qualidade.

O colunista especializado em educação escolar tratou, nesse dia, da origem de um problema histórico que explica, em parte, a grave situação da qualidade do ensino público em que vivemos hoje.

Outra importante pauta ligada à educação nessa edição foi o “Projeto de Intercâmbio Literário Intelectual”, cujos alunos de Niterói participantes do projeto produziram e enviaram livros a outros alunos de uma escola do Maranhão. Essa matéria, que sugeriu interação cultural, quebra de barreiras e soluções simples para estimular produções literárias, foi o destaque da edição.

As outras três pautas selecionadas para essa mesma edição que aconteceu logo após o início do ano de 2014 foram as seguintes: informação sobre a divulgação do resultado da prova do Enem, término da inscrição do projeto “Inglês sem Fronteiras” e “Ônibus como palco” (teatro educativo dentro do transporte coletivo em São Paulo). Todos os temas apresentados eram inter-relacionados e

trouxeram informação educativa ao receptor. Ainda sobre a organização temática, GOMES (2007) menciona que a arquitetura dessa organização implica, por parte do programa, a aposta em certos interesses e competências do telespectador. O interesse a partir da própria necessidade de cultura e educação e a informação que geram consciência sobre direitos e deveres são fatores que convocam a competência de consumo da audiência.

Mesmo não sendo construído como um programa exclusivamente educativo, o *Jornal Futura* traz no tema “educação” uma de suas frentes principais, junto à cultura e cidadania. Para abordar de maneira criativa esses e outros assuntos, o programa também se utiliza de algumas colunas, quadros e projetos relacionados diretamente à organização temática, que preenchem alternadamente a semana como: Brasil além do Jornalismo (parcerias), Olho na Escola (educação), Nós Digitais (tecnologia), Toda Leitura (literatura), Direito da Gente (cidadania). Além de séries especiais como a Semana da Água, Empregos na Floresta, Intervenções Urbanas, entre outras. Cada uma dessas divisões estão interligadas a partir do elo instituído no e pelo Mediador (apresentador); esses projetos aproximam as intenções da produção da expectativa da audiência no “contexto comunicativo”, como também recebem aplicação de recursos e técnicas jornalísticas que legitimam o “pacto sobre o papel do jornalismo” e compõem a “organização temática”. Todos os operadores de análise do “modo de endereçamento” funcionam em sintonia, o que caracteriza o *Jornal Futura* como uma produção jornalística que possibilita o desenvolvimento da cultura, educação e cidadania. Por ser iniciativa de uma fundação, o canal Futura não tem a mesma lógica de funcionamento da TV comercial; por isso, não tem o apelo comercial, econômico de outros canais.

3.3 Aplicação dos conceitos metodológicos no *Como Será?*

Para identificar o modo como esse programa, lançado em agosto de 2014, tenta estabelecer uma forma particular de relação com sua audiência, selecionamos seis edições do programa: três de 2014 (de 09/08, 20/09 e 06/12) e três de 2015 (de 10/01, 04/04 e 03/10). Observando-os sob a ótica dos estudos culturais, utilizamos o “modo de endereçamento” e seus operadores de análise como conceitos

metodológicos para analisar cada detalhe desse produto televisivo de duas horas de duração.

O programa *Como Será?*, na avaliação de Sandra Annenberg(editora e apresentadora) e de Maurício Yared(gerente de conteúdo), é uma revista eletrônica inspirada no programa Globo Cidadania. *Como Será?* resgatou conceitos e apresentadores de vários outros projetos da Rede Globo, como o ator e apresentador Alexandre Henderson, ex- Globo Ciência, as jornalistas Helena Lara Resende, ex- Globo Educação, Júlia Bandeira e Mariane Salerno, ex- Ação, o jornalista Rogério Coutinho, ex- Globo Universidade, além do ator Max Fercondini, ex- Globo Ecologia e outros que apresentam os novos quadros do programa. A emissora faz questão de frisar que todos os perfis educativos e culturais presentes nesses projetos citados fazem parte dessa nova experiência iniciada em agosto de 2014. Entre os textos da apresentadora no programa de estreia, destaca-se um que já demonstrava qual seria o perfil das pautas e matérias abordadas nessa revista eletrônica:

Bom dia, tudo bem por aí? Por aqui tudo ótimo, porque está começando o nosso novo programa. Nosso sim, o meu, o seu, de todos nós, de todos os interessados em viver num mundo melhor. Você que estava acostumado a ver, nesse horário, o Globo Educação, o Globo Ciência, o Globo Ecologia, o Globo Universidade e o Ação, não se preocupe! Tudo o que você encontrava lá, agora vai ver aqui também; só que de um jeitinho diferente, com várias reportagens e quadros, com outro nome, outro cenário, mas com a mesma vontade de fazer diferença na sua vida. Então, vamos ver *Como Será?* (Sandra Annenberg em 09/08/2014).

Com o objetivo de conquistar o telespectador pela familiaridade com a antiga programação, a jornalista faz uma convocação expressa à audiência ao intimar o receptor a fazer parte de um movimento de consciência para um mundo melhor. Segundo a pesquisadora em Comunicação/Educação, Maria Aparecida Baccega:

Essa forte presença da mídia na cultura permite afirmar que a discussão tradicional, formulada na questão “Devemos ou não usar os meios no processo educacional ou procurar estratégias de educação para os meios?”, já não se coloca. Trata-se, agora, de constatar que eles são também educadores, uma outra agência de socialização, e por eles passa também a

construção da cidadania. (BACCEGA, 2009, p. 20)

O “modo de endereçamento” é uma ferramenta de análise que nos permite verificar como programas jornalísticos televisivos cumprem, retoricamente, esse papel de trazer à televisão, como meio, a função educativa de uma agência de socialização.

O programa *Como Será?* trabalha basicamente com informações positivas e, mesmo quando aborda problemas, o objetivo da informação não é, simplesmente, mostrá-los, mas propor soluções para eles ou então apresentar pessoas e grupos comunitários que estejam empenhados nessas soluções. Detalharemos mais sobre isso ao tratarmos da organização temática escolhida pela produção do programa, como um conceito metodológico.

3.3.1 *Como Será?* e a performance dos Mediadores

O programa tem como referência a apresentadora principal que controla a pauta e as chamadas de reportagens, mas também reserva grande destaque aos apresentadores/repórteres dos vários quadros do programa.

Ilustração 21 - Jornalista e apresentadora Sandra Annenberg



Fonte: *Como Será?* de 06/12/2014

Embora o programa *Como Será?* tenha uma âncora, a apresentadora e editora Sandra Annenberg, os diversos quadros que o programa possui têm seus

próprios apresentadores, que desenvolvem *performances* entrevistando, interpretando, experimentando equipamentos, produtos e invenções e até preparando receitas e degustando alimentos, quase sempre usando a pergunta “*Como Será?*” para abrir os quadros.

A jornalista Sandra Annenberg iniciou sua carreira na televisão ainda criança, como atriz, e entrou no jornalismo da Globo para apresentar a previsão do tempo em 1991. De lá para cá participou do programa *Fantástico*, comandou o *SPTV* e acumulou funções de apresentadora e editora-executiva do *Jornal da Globo* e *Jornal Hoje*. Foi correspondente da Globo em Londres. Dois anos depois voltou para o *SPTV*, assumiu o *Jornal Hoje*, onde está atualmente. Em junho de 2012, Sandra Annenberg assumiu o *Globo Cidadania*, no ar até agosto de 2014, quando iniciou o novo programa *Como Será?* Sua trajetória, portanto, demonstra experiência com formas mais flexíveis de telejornalismo, embora ela apareça eventualmente aos sábados tradicionalmente atrás da bancada do *Jornal Nacional*.

Ilustração 22 - Bom humor de Sandra no início do Programa



Fonte: *Como Será?* de 04/04/2015

A versatilidade e experiência profissional da jornalista são importantes para a apresentação de um programa televisivo longo, de duas horas de duração. Para prender a atenção do telespectador durante tanto tempo o *Como Será?* utiliza a qualificação de Sandra aliada a uma linguagem informal e à criatividade no estúdio, conforme demonstrado a seguir.

Sem a “barreira” da bancada do telejornalismo tradicional, chama a atenção a

maneira descontraída e sempre alegre da jornalista Sandra Annenberg na apresentação do *Como Será?*, diferentemente da postura mais sóbria e formal “exigida” pela bancada do *Jornal Hoje*, por exemplo.

Ilustração 23 – Apresentadora simula queda no estúdio



Fonte: *Como Será?* De 20/09/2014

Ela parece “abraçar” a audiência, não só no início do programa, mas nas chamadas das matérias interligando-as com frases, trocadilhos e até *performances* em pleno estúdio, como na edição de 20 de setembro de 2014, quando simulou uma queda utilizando uma dublê, justamente para introduzir uma matéria sobre esse profissional (Ilustração 23).

Ilustração 24 – Apresentadora mostrando resistência dos ovos



Fonte: *Como Será?* de 04/04/2015

Outra experiência de estúdio aconteceu no dia 04 de abril de 2015, quando ela subiu em uma placa de madeira sustentada por ovos, dentro de uma sequência

de matérias que falavam sobre a Páscoa, ou ainda abusando da informalidade quando cruza as pernas sobre o banco do estúdio durante entrevista com o ator Marco Nanini, em 06 de dezembro de 2014. Nessa ocasião o ator foi convidado para falar sobre seu projeto social “Instituto Galpão Gamboa” que pretendia, através da Cultura, do Esporte e da Saúde, criar oportunidades de formação e de inclusão social para os moradores de todas as comunidades carentes do Rio de Janeiro, como a do Morro da Providência e dos bairros da Zona Portuária, Gamboa, Saúde, e Santo Cristo, incentivando-os na descoberta de seu potencial junto à sociedade.

Ilustração 25 – Informalidade da apresentadora Sandra Annenberg



Fonte: *Como Será?* de 06/12/2014

É notória a expressão de prazer da jornalista Sandra Annenberg ao apresentar o programa, e os apresentadores dos outros quadros seguem o mesmo estilo espontâneo. Há um quadro que ocupa 3 ou 4 entradas do programa para compor a temática do dia chamado “Hoje é dia de...”, frase sempre completada por um tema conveniente à pauta, como por exemplo: hoje é dia de...arte, hoje é dia de...parque, hoje é dia de...rock, hoje é dia de...feira. A empatia expressa pela âncora do programa e pelo apresentador desse quadro, Alexandre Henderson, é obtida pelo uso de linguagem informal, corroborando as palavras da pesquisadora Itania Gomes(2007) quando afirma que o mediador constroi a ligação entre o telespectador e os demais personagens envolvidos nessa comunicação.

Ilustração 26 – Apresentador Alexandre Henderson em Brumadinho - MG



Fonte: *Como Será?* de 10/01/2015

Alexandre Henderson, além de ator e jornalista, é apresentador premiado⁷. Atuou no programa Globo Ciência e, como ator, fez várias participações em programas da emissora. O quadro “Hoje é dia de...” traz semanalmente um tema propício para uma atividade de fim de semana e mostra suas possibilidades educativas, conforme observado em entrevista com o diretor de arte do Instituto Inhotim em Brumadinho(MG):

Passagem: Eu estou em Brumadinho, a 60 km de Belo Horizonte, pra conhecer o Instituto Inhotim, que reúne arte contemporânea, em pavilhões e galerias ao ar livre. Vem comigo, porque hoje é dia de visitar museu de arte.

Off: A proposta do lugar é fazer o visitante interagir com os espaços, e experimentar uma relação diferente com a arte. Eu vou conversar com o Rodrigo Moura, que é o diretor de arte daqui.

Henderson: Bom dia, Rodrigo, é lindo esse lugar! Mas, me diga, por que o nome “Inhotim”?

Rodrigo: É engraçado, as pessoas, às vezes, acham que é um nome indígena, porque é um nome bastante original, mas, na verdade, era o nome dessa região aqui, de Brumadinho. Aqui uma vez foi uma fazenda de um senhor chamado “Tim”, que era inglês e “Inho” era uma maneira informal de dizer “Senhor”, então “Inhotim” é Senhor Tim, e é como esse lugarejo passou a ser conhecido.

⁷ Em 2009, Alexandre Henderson ganhou o Troféu Raça Negra, como melhor apresentador. Em 2010, a secretaria estadual de ciência e tecnologia do Espírito Santo lhe rendeu uma homenagem por seu trabalho no Globo Ciência. Já em 2012, levou três prêmios: troféu *Top of Business*, o Espelho d'Água (na categoria Comunicação) e a medalha Pedro Ernesto concedida pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro ao apresentador, maior honraria dada pela casa. Em 2014 levou o prêmio da categoria Jornalismo, dado pela Associação Brasileira de Imprensa de Mídia Eletrônica do Rio de Janeiro (Abime-RJ).

Sempre procurando trazer uma informação educativa, e com apoio do recurso visual (conforme ilustração abaixo), o quadro apresenta ainda mais três inserções espalhadas entre as outras matérias do programa, mostrando instalações, curiosidades, obras de arte, pessoas envolvidas com o instituto e muita informação cultural.

Ilustração 27 – Henderson com o diretor do Instituto



Fonte: *Como Será?* De 10/01/2015

Outra parte do programa com objetivo claramente educativo é a apresentada pelo jornalista Paulo Tiefertaler, que interpreta o personagem “Beto Câmara”, um produtor e diretor de TV, no quadro “Tá no quadro”. Comandando uma equipe de jovens, Beto Câmara sempre está à procura de novidades na educação. Na edição do dia 03/10/2015, o assunto foi o uso e ensino de tecnologia nas escolas. O ator e jornalista envia o aluno Sidnei Willian, de sua equipe, com a missão de mostrar os alunos da escola João Leite Lopes, no Rio de Janeiro, que têm, além das disciplinas normais, aulas de roteiro para mídias digitais, multimídia e programação.

Esses cursos extras são parte do projeto NAVE, desenvolvido em parceria com uma empresa de telecomunicações.

Ilustração 28 – Paulo Tiefenthaler, ao centro, com a equipe do “Tá no Quadro”



Fonte: Como Será? De 03/10/2015

Nesse projeto os alunos já saem da escola qualificados e credenciados para atuar no mundo digital. A seguir, parte da entrevista que o aluno Sidnei Willian, de 18 anos, enviado por Beto Câmara, fez com Ana Paula Bessa, diretora da escola:

Willian – Como surgiu essa ideia de fazer uma escola assim tão diferente?

Ana Paula – Esse projeto foi criado pensando na formação cidadã, na formação interdimensional, no ensino médio integrado a cursos técnicos.

Willian - Como é a convivência dos alunos aqui na escola?

Ana Paula – Eles passam dez horas aqui com a gente, e procuramos nessas dez horas oferecer aulas motivadoras, espaços motivadores, que te convido a conhecer.

Willian – Eu vou adorar, vamos lá?

Ana Paula – Esse aqui é o espaço da convivência, que eles solicitaram, como se fosse um cyber café, onde jogos que eles produzem, ficam expostos para que os próprios colegas possam conhecer. Oferecemos três cursos técnicos: Roteiros digitais, na área de texto e criação da história. Oferecemos Multimídia que pega essa história e transforma em imagem e o pessoal de Programação, que pega essa imagem e coloca movimento. Então esses três cursos foram pensados na formação de uma cadeia, na formação desse cidadão, na competência para um mercado de trabalho que tanto necessita de pessoas especializadas nessa área.

Willian – Achei bastante legal, porque na minha escola não tem essas coisas assim. A gente não tem uma coisa assim com tecnologia, com um aprendizado mais avançado. Lá o que a gente faz de mais legal é o teatro.

O uso dos próprios alunos como repórteres pode trazer ao quadro uma aproximação e identificação com os telespectadores da mesma faixa etária ou com seus pais e responsáveis.

Ilustração 29 – Aluno Willian, da equipe, com a diretora Ana Paula



Fonte: Como Será? de 03/10/2015

Entre as várias matérias e quadros especiais do programa há outro que também se destaca pela *performance* do mediador, o quadro “Expedição Terra”, com o ator e apresentador Max Fercondini. Ele, depois de alguns meses, substituiu o nome do quadro por “Sobre as Asas”, no qual percorreu, em um avião monomotor, vinte e um mil quilômetros pelo Brasil. Nos dois quadros o ator e ex-apresentador do Globo Ecologia procura resgatar, no *Como Será?*, o sentido informativo e cultural do programa anterior do qual fazia parte.

Ilustração 30 – Apresentador do quadro “Expedição Terra”



Fonte: Como Será? de 06/12/2014

A entrevista abaixo transcrita fez de uma das matérias do apresentador na Fundação Cairuçu, em Paraty, Rio de Janeiro. Em um belíssimo cenário natural,

Max Fercondini entrevista Andreia do Almo, coordenadora do centro de educação Integral da fundação e Sylvia Junghahel, coordenadora do projeto Aves de Paraty. Enquanto conversam, ambos navegam em um pequeno barco em direção à Vila de Ponta Negra.

Max – Como surgiu a Fundação Cairuçu?

Andreia – A Associação Cairuçu é uma ONG, cujo objetivo principal é trabalhar no ordenamento ambiental da região da Apa do Cairuçu que compreende a Ponta Negra.

Off – Os moradores de Ponta Negra mantêm preservada a cultura caiçara, que tem forte relação com o mar e a mata, e transmite costumes de geração para geração. A vila abriga cerca de 200 pessoas e conta com apenas uma escola.

Max - Me conta um pouco do que é o projeto Aves de Paraty.

Sylvia - O projeto Aves de Paraty nasce da necessidade de estruturar o turismo de observação de aves. A gente começou fazendo um projeto colaborativo; a gente tem uma lista das aves. Já registramos 448 espécies, aqui no município de Paraty e aí, em 2012, a Fundação Cairuçu abraçou a ideia de estruturar uma base para que o turismo de observação de aves pudesse ser desenvolvido.

Passagem – Infelizmente ainda é muito comum as pessoas manterem aves silvestres em gaiolas, mas a educação ambiental é uma boa ferramenta para mostrar as consequências disso e para aproximar os moradores da região das aves locais.

Ilustração 31 – Comunidade envolvida no Projeto Aves de Paraty



Fonte: Como Será? De 06/12/2014

Em seguida, chegam ao local onde são promovidas algumas atividades de educação ambiental com as crianças da vila. Uma das atividades simula os obstáculos que as aves têm para sobreviver; a outra, desafia os pequenos a identificar as aves pelos sons que emitem. A *performance* do apresentador indo ao

local, desde o seu trajeto de barco até o ponto principal em que se completará a informação sobre o meio ambiente, e a vivência mostrada na prática com ilustrações, dinâmicas e depoimentos de educadores e educandos (crianças e adultos, moradores do local) trazem um caráter atrativo e cultural ao quadro, e envolvem o telespectador, por consequência, pela beleza das imagens e importância do conteúdo.

Os vários mediadores (apresentadores de quadros e repórteres) do programa *Como Será?* assim como a apresentadora principal têm seu desempenho diretamente ligado ao contexto comunicativo proposto pelo projeto, como veremos a seguir.

3.3.2 O Contexto Comunicativo no programa *Como Será?* e a integração entre os operadores de análise

Segundo François Jost,

Qualquer gênero televisivo assenta na promessa de uma relação com um mundo cujo grau de existência condiciona a adesão ou a participação do receptor. Por outras palavras, um documento, no sentido lato, quer seja escrito ou audiovisual, é produzido em função de um tipo de crenças visado pelo destinador e, em retorno, não pode ser interpretado por quem o recebe sem uma ideia prévia do tipo de relação que o une à realidade. (JOST, 2008, p.192).

A “promessa” expressa nas palavras de Jost faz alusão a uma situação comunicativa em que a expectativa da audiência vem por meio de uma projeção da sua própria realidade, expressa nos programas televisivos que escolhe assistir. Para a jornalista e pesquisadora Juliana Gutmann (2013), o “contexto comunicativo” compreende a audiência presumida que também atua como sujeito discursivo, que são os enunciatários, além dos enunciadores, que são as figurativizações dos programas. E não só isso, mas ainda inclui as circunstâncias espaciais e temporais nas quais o processo comunicativo ocorre.

Apesar de não ter vários recursos de um telejornal, como apresentação ao vivo, informações factuais e bancada e de trabalhar sempre com matérias frias, o

programa *Como Será?*, por ter no nome uma pergunta, possui o questionamento característico do jornalismo, que instiga a curiosidade, soluções e desdobramentos dos assuntos tratados. O nome do programa sugere, indiretamente, explicações para todos os temas apresentados.

Na gravação dos bastidores da estreia do programa, a apresentadora Sandra Annenberg fez a seguinte afirmação sobre isso:

O que eu gosto neste programa é que é um programa que pergunta e tem pergunta no nome; ele não tem uma exclamação, ele não tem reticências, ele não é um ponto final. Ele é uma questão. (Sandra Annenberg)

Considerando-se que todo material de telejornalismo é sempre editado de acordo com uma linha editorial específica e concebendo o contexto comunicativo como uma ferramenta metodológica que envolve todos os aspectos espaciais e temporais utilizados, começamos a análise desse contexto pelo logotipo do programa, para o qual foi escolhido o formato de um brinquedo didático chamado “cubo mágico”. O grande desafio desse brinquedo enigmático é descobrir como organizá-lo de modo que cada um de seus lados fique de uma só cor.

Ilustração 32 – Logotipo do Programa na vinheta de abertura



Fonte: Como Será? de 06/12/2014

O cubo mágico não é apenas o logotipo do programa, mas também inspiração para todo projeto visual de janelas e vinhetas das chamadas e quadros do programa

Como Será?, que têm cantos arredondados formando molduras que lembram o brinquedo, para as chamadas iniciais e de blocos.

O cenário todo voltado para a ideia do cubo tem cores e formas que variam de acordo com o tema de cada sábado. Para algumas datas, como Páscoa, Natal, Carnaval, *Halloween* e Outubro Rosa (movimento de conscientização sobre o câncer de mama) foram produzidas decorações especiais.

Ilustração 33 – Estúdio decorado para a primavera



Fonte: *Como Será?* de 09/09/2015

O “contexto comunicativo” é composto por cada detalhe de imagens e sons do programa, além, naturalmente, da participação dos interlocutores. Nesse sentido, a postura versátil e dinâmica usada pela apresentadora e editora Sandra Annenberg é algo a ser observado. Com estilo sempre jovem, aos 47 anos de idade, a âncora “desfila” praticamente durante todo o programa, pois em quase todas as suas aparições ela está em movimento, com exceção nas entrevistas quando está sentada.

Os movimentos de Sandra são sincronizados com a disposição do cenário, que tem uma estante de madeira ligada aos bancos para entrevistados, além de um grande monitor centralizado para compartilhar vídeos com os convidados. À esquerda, há mais cinco monitores que mostram imagens variadas e sugerem a diversidade de temas do programa. Para iniciá-lo, a apresentadora sempre se desloca para a esquerda do telespectador onde encontra-se mais um grande monitor, com recurso *touchscreen* (toque na tela); nesse local ela interage com a tecnologia ao girar virtualmente o cubo, logotipo do programa, para ali apresentar as chamadas.

Ilustração 34 – Estilo e movimentação da apresentadora



Fonte: Como Será? de 03/10/2015



Fonte: Como Será? de 19/09/2015



Fonte: Como Será? de 06/12/2014



Fonte: Como Será? de 09/08/2014

Ilustração 35 – Girando o logo para apresentar as chamadas



Fonte: Como Será? de 09/08/2014

A grande estrutura da emissora favorece a produção de pautas em diversos lugares do Brasil e do mundo, aumentando a expectativa de audiência. Isso refere-

se ao operador da “organização temática” (Gomes, 2007), mas que tem grande influência no “contexto comunicativo”, já que contempla uma diversidade de telespectadores de culturas de diferentes regiões do país. Pela análise do contexto comunicativo, nota-se a constante expressão de alegria dos apresentadores, justificada pela ausência de informações tristes ou negativas, já que o programa trabalha basicamente com o apontamento de soluções, com a finalidade de as pessoas aprenderem, com ele, a resolver seus problemas cotidianos.

O clima do programa é produzido com o enquadramento de belas imagens e sons, numa proposta de pauta que prima por assuntos culturais, ecológicos e tecnológicos. Qualquer tema pode ser desafiado pela pergunta: *Como Será?* Por exemplo: como será que se faz? Como Será que se resolve? Como será que funciona?

Para ilustrar, indicamos a matéria sobre veículos movidos à energia elétrica no quadro Expedições Urbanas, apresentado pelo jornalista Renato Cunha, que, ao longo de sua vasta experiência, já participou do Encontro com Fátima Bernardes, onde atuou como editor e produtor. Nessa reportagem, Renato fala sobre uma solução proposta pelo Governo da cidade de Curitiba para a questão da poluição emitida pelos veículos automotores, conforme trecho da entrevista com o Coordenador Técnico do Ecoelétrico da Prefeitura, Ivo Reck Neto.

Passagem: Nas grandes cidades o aumento da frota de veículos vem piorando a qualidade do ar. O problema é que carros, motos e caminhões usam motores à combustão, e, quando o álcool, a gasolina e o óleo diesel são queimados, o resultado é a emissão de gases tóxicos como monóxido de carbono e dióxido de enxofre, que causam sérias doenças respiratórias e agravam o efeito estufa, aumentando o aquecimento global.

Desde a década de 90, a cidade de Curitiba se preocupa com a mobilidade urbana. O transporte coletivo foi uma ideia que deu certo. Hoje 45% da população utiliza esse tipo de transporte, mas com o passar dos anos a população aumentou e o número de carros nas ruas também cresceu.

Off. Há dois anos um novo conceito circula pelas ruas de Curitiba: é o carro elétrico. Nossa Expedição Urbana vai até a Prefeitura pra te mostrar como este projeto funciona. E nessa “pegada” elétrica eu vou à Prefeitura, é claro, de bicicleta elétrica. Nossa expedição vai agora conhecer o “Ecoelétrico”, um projeto que faz parte do Programa de Mobilidade Sustentável de Curitiba para utilização de meios de transporte eficientes com um baixo impacto ambiental.

Renato Cunha – Quantos desses, Ivo, já estão circulando pela cidade?

Ivo Reck – São dez veículos elétricos no projeto. Desse modelo nós temos cinco, e temos mais cinco, três do modelo cargueiro e mais dois do modelo compacto.

Renato Cunha – Este carro está sendo utilizado por quais departamentos aqui da Prefeitura?

Ivo Reck – Esse modelo está sendo usado pela Setran, que é a nossa secretaria de trânsito. É a secretaria responsável pelo monitoramento viário, tanto na parte de fiscalização, como na parte de educação no trânsito. Temos mais três departamentos, no caso a guarda municipal, que é nossa secretaria de defesa social que também utiliza esse modelo e mais um modelo de carga pra fazer as atividades de segurança na cidade.

Ilustração 36 – “Ecoelétrico”, veículo proposto como solução ecológica



Fonte: Como Será? de 19/09/2015

Durante a edição da matéria, que mostra apenas os aspectos positivos desse produto, na fala do repórter Renato Cunha “Nossa Expedição Urbana vai até a Prefeitura pra te mostrar como este projeto funciona” podemos perceber o compromisso com a “promessa” (Jost, 2008) feita implicitamente à audiência, a partir do questionamento presente no próprio nome do programa: como será que funciona essa solução? Como será que funciona esse carro elétrico?

No âmbito da Educomunicação, na construção de mundo feita pela edição das informações e seus efeitos educativos sobre o receptor, a Professora Baccega declara:

Esse mundo que a edição constrói reconfigura-se no receptor, com seu universo cultural e dinâmica próprios. Ou seja: ele é, aí também, reeditado. Assim se configura o desafio mais importante para os estudiosos do campo comunicação/educação: o mundo a que temos acesso é este, o editado. É nele, com ele e para ele que se impõe construir a cidadania. O desafio do campo é dar condições plenas aos receptores, sujeitos ativos para, ressignificando-o a partir de seu universo cultural, serem capazes de participar da construção de uma nova variável histórica. (BACCEGA, 2009, p. 25).

3.3.3 O Pacto sobre o Papel do Jornalismo e a Organização Temática no programa *Como Será?*

A pesquisadora Jussara Maia, em concordância com Itania Gomes (2007), comenta a respeito do “pacto sobre o papel do jornalismo” como operador de análise:

Este operador observa as características do pacto que o programa constrói com os telespectadores sobre o papel do jornalismo. É um dos mais importantes elementos pela função que cumpre na metodologia de ligar aspectos que são relativos ao gênero programa jornalístico com as especificidades dos acordos que são estabelecidos de maneira particular no subgênero através do seu modo de endereçamento. O pacto que cada texto estabelece com a sua audiência vai orientá-la sobre o que pode esperar do programa que deve manter-se entre os referenciais do gênero programa jornalístico e das atualizações produzidas pelas influências do ambiente cultural, histórico e social sobre a estrutura genérica. (MAIA, 2005, p. 48)

Geralmente interessa-nos assistir ao telejornal quando este retrata uma realidade a que pertencemos (JOST, 2008). Esse entendimento do pesquisador e professor François Jost permite-nos perceber que em *Como Será?* há uma preocupação com a identificação do telespectador, na medida em que o programa contempla vários projetos comunitários, informa como essas comunidades superam evidentes problemas estruturais de nossa sociedade, e incentivam aqueles que têm proposto soluções para problemas educacionais, ecológicos, econômicos e de saúde.

Nesse “pacto” por aquilo que esperamos ver, os problemas sociais e até a curiosidade fazem com que a maior parte do jornalismo televisivo seja portador de uma grande quantidade de informações baseadas em problemas relacionados à economia, violência e saúde, sem necessariamente apontar para uma proposta de

solução. *Como Será?* caminha no sentido inverso, pois a notícia é a proposta de solução e não o problema. A pauta é planejada a partir de propostas que estão gerando resultados positivos e resolvendo grandes ou pequenas questões sociais. Esse pormenor aponta para a interligação dos operadores de análise, nesse caso do “pacto sobre o papel do jornalismo” com a “organização temática”, que envolvem escolha de temas e assuntos para o programa, recursos técnicos como enquadramento e a maneira como os temas são organizados e expostos.

Para exemplificar a mencionada interligação dos operadores de análise, examinou-se a matéria do quadro “Essa é a minha boa ideia”, de 19/09/2015. Ela conta a história de um surfista que surfa com crianças e adultos com síndrome de down e outras deficiências, o professor de educação física, Francisco Arana, antigo profissional do surfe que atualmente dedica parte de seu tempo para atender a pessoas especiais. A seguir, parte do depoimento de Arana registrado na matéria.

Fiz parte de uma galera profissional de surfe. Passei por todos os campeonatos, e a minha melhor ideia, realmente, foi trabalhar com surfe na escola pública de Santos. Essa boa ideia veio com as dificuldades que nós encontramos durante o período que o Valdemir entrou na escola que era um rapaz 100% cego. A gente desenhou, junto com uma equipe de professores, uma prancha adaptada pra cegos. A partir do Val, nós tivemos que criar outro equipamento, uma prancha que se adaptasse a várias situações, que melhorasse a didática, o comportamento dos braços, apoiar melhor o corpo com segurança e levar duas pessoas, no caso o professor e um aluno. Mantendo o tórax e a cabeça alinhada com a cervical, é aí que a gente trabalha a terapia, através do que a gente enxerga. Nesse caso, e as terapias têm sido ótimas. Um dos maiores exemplos é o do Rafael que chegou aqui na escola há dois anos e meio, que mantém um cognitivo muito bom, mas estava com o corpo travado por causa da cadeira de rodas, e hoje, se você ver, o Rafael está andando. O que vejo com essa boa ideia é a transformação na saúde dessas pessoas. (Francisco Arana)

Ilustração 37 – Surfe com deficientes



Fonte: Como Será? de 19/09/2015

No programa, o texto oral transcrito acima é acompanhado de belas imagens que ilustram perfeitamente as palavras do surfista, referente a um bom aproveitamento dos recursos jornalísticos e à preocupação com a “organização temática”.

Outro exemplo de telejornalismo que visa aspectos educativos e encontrar alternativas para problemas, no caso, ambientais, está na matéria “Ilhas de calor” do quadro “Expedições Urbanas”. Ela propõe soluções para deixar a cidade mais verde, diminuir a temperatura ambiente, contribuir na redução do aquecimento global e ainda melhorar a qualidade do ar. O jornalista e apresentador do quadro, Renato Cunha, fala sobre a cidade de Recife (PE), uma das 100 cidades que mais concentram prédios no mundo. O tema desse quadro refere-se a essa realidade imobiliária geradora de vários problemas ambientais; e um deles é a falta de áreas verdes na cidade, que reduz a umidade do ar e causa o aumento da temperatura. Verifica-se o uso da estratégia de “organização temática” em trecho da entrevista dessa matéria com a Secretária de Meio Ambiente e Sustentabilidade de Recife, Maria Aparecida Pedrosa, quando ela mostra a proposta de solução para o problema com base em dados estatísticos, infográficos e explicações sobre como o “telhado verde” tornou-se lei.

Passagem: O Expedições Urbanas está aqui no Recife, no marco zero, onde a capital pernambucana foi fundada em 1537. Séculos depois, a cidade está sendo repensada. Se há, hoje em dia, a falta de espaço para áreas verdes, aqui em baixo, por causa da expansão urbana, a solução encontrada pelos moradores foi levar esse verde pro alto dos prédios. Pra fazer um “telhado verde” no alto de um prédio ou uma casa é mais simples do que parece. Você pode usar vasos ou construir um piso verde; pra isso, o principal é fazer uma boa impermeabilização que evita infiltrações e ter um bom sistema de drenagem da chuva. Depois da impermeabilização, em cima da manta, o importante é fazer um solo de qualidade para a planta. Depois é só escolher o tipo de planta, o melhor é escolher plantas nativas que já estão acostumadas com o clima da região.

Renato Cunha – Como é essa nova lei que obriga os prédios a terem telhados verdes?

Maria Aparecida – É bom estar falando sobre isso, porque isso é uma boa nova. A gente iniciou o ano, aqui em Recife, assinando essa lei que obriga os prédios de 400m², se forem empreendimentos, e de quatro pavimentos, os habitacionais, a terem telhado verde. As áreas verdes não servem só para amenizar o clima e capturar carbono, elas criam toda uma relação de saúde e de saudabilidade do cidadão com a cidade, criando um sentimento na cidade de ela é verde, de que ela pode, no futuro, se tornar uma cidade parque.

Ilustração 38 – “Telhado verde” é lei em Recife



Fonte: Como Será? de 19/09/2015

Essa pauta mostra a preocupação com a solução de um problema para trazer qualidade de vida à comunidade por meio instruções e orientações sobre como fazer um “telhado verde”.

O programa *Como Será?*, aparentemente, não tem nenhuma pretensão em se assemelhar a um telejornal, uma vez que não tem matérias ou apresentação ao vivo, nem exibe a redação como pano de fundo, que, na maioria dos telejornais atuais, são apenas estratégias de construção de credibilidade (GOMES, 2007). A aproximação com o telespectador, nesse programa, é construída pelas pautas (“organização temática”) e pela informalidade dos apresentadores, tendo como suporte a estrutura da maior rede de televisão do país. No Pacto sobre o Papel do Jornalismo, presente em *Como Será?*, o sorriso constante dos mediadores é resultado da visão e produção nitidamente otimista do programa, que acaba por apontar a ausência de outro aspecto jornalístico nessa revista eletrônica: o sentido de vigilância e fiscalização dos poderes constituídos. A publicização dos problemas políticos para o conjunto da sociedade (Albuquerque, 2000) é trabalhada não no âmbito da cobrança mas também da solução a partir de atitudes da própria comunidade ou do terceiro setor. Isso diferencia muito *Como Será?* do *Jornal Futura* que indica os problemas e seus responsáveis.

Mesmo assim, *Como Será?* tem características de jornalismo tradicional em seus detalhes técnicos, como, por exemplo, a produção de várias entrevistas, o deslocamento de equipes de jornalismo em busca de informações, os recursos de edição e montagem utilizados e os enquadramentos da câmera. Esses são alguns

recursos da linguagem televisiva empregados pelo programa para construir sua autenticidade como revista eletrônica diante da audiência.(SILVA, 2011)

Se por um lado não há o sentido de vigilância dos poderes constituídos, por outro, na esfera de sua cobertura, há uma grande preocupação com os critérios empregados pelo telejornal para selecionar e organizar a apresentação dos assuntos que apontam para a Organização Temática, conforme define a pesquisadora Jussara Maia:

[...]No caso do telejornal, é possível identificar o modo de endereçamento por aspectos da esfera de sua cobertura, a nível local, nacional ou internacional e verificar a ênfase que pode ser dada a assuntos de uma área específica, em função, entre outros, da distribuição das matérias jornalísticas no noticiário. Esta conformação e o conteúdo das matérias jornalísticas expressam uma aposta sobre os interesses e as competências do telespectador. (MAIA, 2005, p. 52)

A aposta sobre os interesses e as competências do telespectador mencionada pela autora, indica, mais uma vez, a interligação de Mediadores, Contexto Comunicativo, Pacto sobre o Papel do Jornalismo e Organização Temática como operadores de análise.

Como o programa *Como Será?* é uma produção inspirada em outro programa extinto (Globo Cidadania) e por agregar os conceitos de outros como Globo Ciência, Globo Ecologia, Globo Educação, Globo Universidade e Ação, surge com a possibilidade de manter a audiência de todos esses, já que a “promessa” (JOST, 2008) é de não decepcionar os antigos telespectadores desses programas extintos. Segundo a Professora Maria Aparecida Baccega(2009), são os meios de comunicação que selecionam o que devemos conhecer, os temas a serem pautados para discussão e, mais que isso, o ponto de vista a partir do qual vamos ver as cenas escolhidas e compreender tais temas.

A seleção das pautas do *Como Será?* está relacionada diretamente com a ideia de significado, interesse e relevância por parte dessa audiência presumida, conforme afirma a pesquisadora Jussara Maia,

A inclusão de uma informação em um programa jornalístico está diretamente ligada à relação que é construída entre programa e audiência através dos critérios de noticiabilidade empregados para selecionar o que

deve ser exibido. Componente da noticiabilidade, os valores/notícia traduzem a resposta à pergunta “quais acontecimentos são considerados suficientemente interessantes, significativos, relevantes, para serem transformados em notícias?” (WOLF, 2003, p. 202). A definição da notícia como interessante, significativa e relevante para ser exibida envolve escolhas diretamente ligadas à imagem que o endereçador constrói do endereçado. (MAIA, 2005, p. 48)

Podemos notar nas produções dos textos de abertura, por exemplo, além do teor e técnicas aplicados nas matérias citadas, a intenção de construir uma imagem que denote intimidade do espectador para com o programa. Linguagem e gestos informais para aproximar a audiência e inseri-la no contexto do tema do programa daquele dia são empregados. A transcrição abaixo de algumas aberturas feitas pela apresentadora e editora Sandra Annenberg e pela jornalista Mariana Ferrão que a substituiu em algumas edições confirmam essa ideia:

Oiê!! Bom dia, flor do dia!! Tudo bem por aí? Por aqui tudo ótimo! É só dar uma olhadinha, né?... A primavera, olha só, já chegou ao *Como Será?*. Olha como tá lindo nosso estúdio, tudo florido! Ah... isso inspira a gente. Daqui a pouco a gente vai bater um papo com a banda Liberdade, de Passo Fundo (RS). A banda foi formada pelo juiz da infância e juventude Dalmir de Oliveira Junior; ele usa a música pra mudar a vida de jovens que cometeram crimes. Mas essa história é só uma de tantas inspiradoras que a gente vai te mostrar hoje. (Sandra Annenberg, *Como Será?*, 19/09/2015)

Ilustração 39 – Sandra na entrada da Primavera



Fonte: *Como Será?* de 19/09/2015

Bom dia! Seja bem-vindo! Você dormiu bem? Já sei, você está me estranhando por aqui? Pois é, eu estou com você de segunda a sexta no *Bem Estar*, só que durante esse mês todo também vou passar as manhãs de sábado por aqui, porque a Sandra Annenberg tá de férias. Maravilha né? Tomara que ela aproveite bastante, e tomara que você aproveite bastante o nosso programa de hoje, que também tá maravilhoso. Tem estreia hoje, hein? É a nossa série de reportagens e você tá convidado a fazer uma viagem para a Irlanda com a gente. A repórter Mariana Salerno vai estar

aqui nos estúdios pra revelar os bastidores dessa aventura. Vambora, saber *Como será?* (Mariana Ferrão – Como Será de 10/01/2015)

Ilustração 40 – Mariana Ferrão cobrindo férias



Fonte: Como Será? de 10/01/2015

No texto de abertura acima, a jornalista Mariana Ferrão exprime intimidade com a audiência com o comentário sobre a noite de sono do dia anterior, a explicação do porquê está ali (já que é apresentadora de outro programa diário: *Bem Estar*), ao mesmo tempo em que resgata sua própria trajetória como apresentadora.

Bom dia! Fim de semana começando, fim de ano chegando... Vamos dar as boas vindas a dezembro. Mês das festas, dos presentes, do calor e das férias. Criançada em casa, fazendo farra e, por que não, aprendendo também? Você que é pai, mãe, avô, avó, tia, tio ou só trabalha com crianças pequenas por perto, saiba que você também faz parte do aprendizado delas. Elas aprendem só de observar a gente em casa. Olha de tão importante que são os primeiros anos de vida, a gente convidou uma especialista no assunto pra conversar com a gente aqui no estúdio. E ainda tem muito mais no programa de hoje. Bora ver como será?

Ilustração 41 – Sandra apresenta programa de dezembro



Fonte: Como Será? de 06/12/2014

No texto acima, com a estratégia de “organização temática”, a apresentadora cita a rotina do cotidiano de muitos lares no final de ano. Os assuntos férias, crianças, parentes, visitas estão relacionados ao objetivo educativo do programa, quando ela diz que as crianças aprendem observando o que está à sua volta e anuncia uma entrevista com um especialista no programa daquele dia.

Em todas as aberturas de programas televisivos, conforme pudemos perceber nos três exemplos estudados, notam-se expressões como “nosso programa”, “você está convidado”, “conversar com a gente”. Em todas elas está presente uma carga de informalidade que visa a inserção da audiência no “contexto comunicativo” do programa.

Além da abertura, a origem da criação de conteúdos de matérias e quadros especiais, como “Missão Possível”, “Expedições Urbanas”, “Tá no Quadro”, “Expedição Terra”, “Hoje é dia de...”, “Meu professor é o cara”, “Grandes ideias, pequenas invenções”, “Tire o “s” da crise – Crie” está em expressões e títulos especialmente selecionados para provocar a curiosidade ou atender a uma expectativa da audiência. Os conteúdos voltados para a educação e cultura podem tanto fazer parte da realidade do indivíduo quanto promover a aquisição de conhecimento juntamente à educação escolar, e, assim, contribuir para sua formação como cidadão.

É desse lugar, o qual procura colocar em sintonia mídia e escola, aceitando que a escola já não é mais o único lugar do saber, que devemos relacionar-nos com os meios. E é esse o lugar em que temos de esclarecer que modalidade de programação da mídia queremos para pavimentar as mudanças sociais no sentido da construção da efetiva cidadania. Para tanto, é fundamental conhecê-los. Só assim conseguiremos percorrer o trajeto que vai do mundo que nos entregam pronto, editado – e no qual vivemos. No mais das vezes, num processo de conformismo com o que aí está, chegando inclusive a naturalizar injustiças, ignorar o desrespeito aos direitos fundamentais do ser humano –, para estarmos aptos à construção de um mundo que permita a todos o pleno exercício da cidadania em condições igualitárias. (BACCEGA, Maria Aparecida, 2009, p.20)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na perspectiva das transformações televisivas, os programas *Jornal Futura* e *Como Será?* se apresentam como revistas eletrônicas que, devido aos seus detalhes técnicos, avançam no jornalismo distantes dos formatos tradicionais. Apesar de pautados em matérias frias, utilizam-se muito bem de estratégias de atualização para resgatar detalhes da temporalidade, como a periodicidade e até a simultaneidade em alguns momentos, como, por exemplo, nas entrevistas ao vivo (no caso do *Jornal Futura*). Além disso, trabalham os temas selecionados para as pautas usando critérios de grande relevância em termos culturais e de formação da cidadania do brasileiro e de seu interesse como povo, fato que permite que tanto o *Jornal Futura* quanto *Como Será?* sejam vistos e analisados por um viés educativo, mesmo que as produções dos programas não assumam isso oficialmente.

No *Jornal Futura* é determinante, em sua proposta, a parceria com várias Universidades, Ongs e Grupos Sociais para sua produção. Mesmo em canal fechado, eventualmente percebe-se o pedido, direto ou indireto do veículo ao poder público e aos cidadãos, de cumprimento de suas responsabilidades sociais, ocupando, desse modo, o espaço de poder moderador, e ainda estimulando o cidadão a ter maior participação nas decisões de sua vida em sociedade.

Já o programa *Como Será?* utiliza o grande *staff* jornalístico da maior rede da televisão brasileira para sua produção. Com o objetivo de manter o compromisso (promessa) firmado com a audiência dos programas que o antecederam (Globo Cidadania, Globo Ciência, Globo Ecologia, entre outros) e que inspiram as pautas dessa revista eletrônica, convoca o receptor a apreciar e analisar as soluções para as questões nela apresentadas.

Com essas características, ambos apontam para uma tendência de aproximação e participação do seu consumidor, apresentando-se como canais abertos à formação de uma consciência cidadã, por meio de informações e interações oferecidas em suas pautas e da possibilidade de análise do ponto de vista dos estudos culturais em que o foco é o consumidor, e não o produtor ou o produto. E também mediante as constantes convocações para participação dos

telespectadores pelo canal da internet, enviando perguntas, tirando dúvidas e questionando especialistas convidados.

Usaram-se os operadores de análise do modo de endereçamento como estratégias metodológicas para a produção deste trabalho, que se misturam naturalmente cumprindo, assim, sua função de lentes analíticas.

Quadro comparativo dos programas analisados

JORNAL FUTURA	COMO SERÁ?
Exibido no Canal Futura (fechado)	Exibido na Rede Globo (aberto)
Diariamente (de segunda à sexta), às 17h, com reapresentação à 0h, no mesmo canal.	Semanalmente (aos sábados), às 8h, com reapresentação aos domingos, na GloboNews, às 6h05min e no Canal Futura, às 15h.
Duração: 30 minutos	Duração: 2 horas
Apresentação e entrevistas ao vivo com matérias gravadas	Totalmente gravado
Aponta os problemas e seus responsáveis exige soluções dos governos e cidadãos	Aponta iniciativas e soluções conseguidas individualmente ou por comunidades
Interação com a audiência via internet (ao vivo nas entrevistas e e-mails para produção)	Interação com a audiência via internet (e-mails para produção)
Linguagem informal predominante com exploração de recursos audiovisuais	Linguagem informal predominante com exploração de recursos audiovisuais
Base: Parceria com mais de 30 TVs universitárias em todo Brasil, envolvimento de grande número de repórteres e estudantes de jornalismo.	Base: Uso da grande estrutura da emissora dentro e fora do país, envolvimento de grande número de jornalistas e apresentadores.

Durante esta análise, procuramos mostrar a influência e o lugar importante que a televisão ocupa como meio no cotidiano das pessoas e das famílias, em um contexto de carência educativa.

É importante considerar que os programas analisados têm, pelo menos, duas dimensões de educação – uma mais direta, relativa à educação formal das escolas, identificada nas pautas sobre escola, educação, formação de crianças, jovens e adultos, e outra, mais sutil, expressa na forma como os temas são abordados,

muitas vezes corrigindo situações do cotidiano, mostrando modelos de soluções e alertando para riscos, com o objetivo de estimular o indivíduo receptor a atitudes conscientes dentro de sua coletividade.

Verificou-se que os meios ocupam lugar de agências de formação junto à escola e à família, ao apontarem para a construção de uma nova variável histórica (BACCEGA, 2009) e para mudanças históricas e culturais dos dispositivos e processos de reconstrução da linguagem e das narrativas. É necessário a escola entender transformação, ao invés de estigmatizá-la, segundo Martin-Barbero (2014).

Esse descentramento da escola como referência básica para a formação inclui também a deslocalização que, por sua vez, torna-se destemporalização da aprendizagem, ou seja, ocorre quando o novo modelo de educação e de aprendizagem não depende mais das marcações de idade (delimitações temporais), nem de um só tipo de lugar. Isso não significa o desaparecimento da escola como espaço-tempo, mas demonstra a necessidade de transformação da escola em viver com esses saberes-sem-lugar-próprio(Martin-Barbero, 2014) para que, dessa forma, as modalidades e os ritmos de aprendizagem possam equiparar-se ao novo modelo de comunicação escolar e ao ambiente tecnocomunicativo.

Em meio a toda essa mudança, o telejornalismo analisado a partir dos programas *Jornal Futura* e *Como Será?* parece desenvolver uma estratégia de relacionamento com o consumidor mediante a criação de matérias baseadas nas próprias necessidades dele e a proposta de soluções com uso de linguagem informal, que aproximam e ensinam pessoas e comunidades a ocuparem seu lugar como cidadãos. Essa relação aponta para o tema central dessa dissertação.

Portanto, em um momento em que há uma tendência na televisão brasileira à produção de programas híbridos e ao estabelecimento de novos formatos e gêneros, independentemente de questões comerciais e de concorrência televisiva, esta análise propõe a possibilidade de utilização mais abrangente de um jornalismo alternativo para a formação de um cidadão consciente de suas raízes, história, direitos, deveres e potencialidades, tendo como mediadora dessas informações uma estratégia jornalística diferente da tradicional, que prime pela aproximação com o receptor, através do uso de recursos da linguagem coloquial e de elementos

audiovisuais, como aqueles atrativos percebidos e analisados nos programas *Jornal Futura e Como Será?*.

O que constitui a força e a eficácia da *cidade virtual*, entretecida pelos fluxos informáticos e pelas imagens televisivas, não é o poder das tecnologias em si mesmas, mas sua capacidade de acelerar, ampliar e aprofundar tendências estruturais de nossa sociedade. (BARBERO, 2001, p. 52)

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra. 2000.
- ALBUQUERQUE, Afonso. Um outro "Quarto Poder": imprensa e compromisso político no Brasil. **Revista Contracampo** 04 (2000).
- BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/Educação: aproximações. In: BUCCI, Eugenio. **A TV aos 50 anos** - criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.
- BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/Educação e a construção de nova variável histórica. **Comunicação & Educação**, v. 14, n. 3, 2011.
- BARTHES, Roland. **A retórica da imagem**, In: O óbvio e o obtuso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- CACCIA-BAVA, Augusto. O estudo sobre os jovens brasileiros. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 44, 2005. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/044/44ccacciabava.htm>. Acesso em: 13/12/2014.
- CRESWELL, John. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativos, quantitativo e misto**. 2ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- DE CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- DEWEY, John. **Experiência e educação**. 3ª Ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1979
- ELLSWORTH, E. **Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também**. In: SILVA, T. T. (Org.). Nunca fomos humanos. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- ERIKSON, Eric. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- FELLIPI & ESCOSTEGUY. **Jornalismo e Estudos Culturais: a contribuição de Jesus Martin Barbero**. Texto originalmente apresentado durante o 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), realizado em novembro de 2012, em Curitiba.
- FILHO, João Freire. **A TV em transição – Tendências de programação no Brasil e no mundo**. 1ed. Editora Summus, 2009
- FILHO, João Freire. **Repensando a Resistência Juvenil: Subculturas, Mídia e Sociedade de Consumo. E-Compós** (Porto Alegre), p.12, 2013.
- FREIRE, Paulo, **Pedagogia do Oprimido**. Editora Paz e Terra – 29ª edição – 1987.
- _____. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

_____. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Educação e Mudança**. 12ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Pedagogia da Indignação**. São Paulo. Unesp, 2000.

GOMES, Itania M. M. . Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. **E-Compós** (Brasília), v. 8, p. 1-31, 2007.

GOMES, Wilson. **Jornalismo, fatos e interesses: ensaios de teoria do jornalismo**. Insular, 2009.

GRENCI, W. A. **Percepções de professores da rede pública estadual de São Paulo acerca do ensino da matemática num contexto de mudança curricular**. 2011. Tese de Doutorado. Dissertação de mestrado em Educação Matemática. Universidade Bandeirante de São Paulo.

GUTMANN, Juliana. **Formas do Telejornal: um estudo das articulações entre valores jornalísticos e linguagem televisiva**. 2012. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea) - Universidade Federal da Bahia. Orientador: Itania Maria Mota Gomes.

JOST, François. **Analisar a televisão**. In GARDIES, René. Compreender o cinema e as imagens. Lisboa: texto e Grafia, 2008.

MAIA, Jussara Peixoto. **DO TELEJORNAL AO PROGRAMA JORNALÍSTICO TEMÁTICO: Jornal Nacional e Globo Rural - uma relação de gênero e de modo de endereçamento**. 2005. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Universidade Federal da Bahia.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 6ed. Rio de Janeiro: UFRJ. 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2001.

PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia**. São Paulo: Summus, 1984.

ROCHA, Simone Maria. Os Estudos Culturais e a Análise Cultural da Televisão: Considerações Teórico-Metodológicas. **Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, Santa Maria, v.10, n.19, sem. 2011.

SACRAMENTO, Igor. Estudos televisivos em renovação. **Revista ECO-Pós**, v. 12, n. 3, 2010.

SAVIANI, Dermeval. **Educação do senso comum à consciência filosófica**. Autores Associados, 2007.

SAVIANI, Dermeval. As concepções pedagógicas na história da educação brasileira. **Texto elaborado no âmbito do projeto de pesquisa “O espaço acadêmico da pedagogia no Brasil”, financiado pelo CNPq, para o “projeto”, v. 20, 2005.**

SILVA, Fernanda Mauricio. "O jornalismo como forma cultural: uma breve análise histórica dos valores jornalísticos na Globo e na BBC." **MATRIZES** 4.2 (2011).

SILVA, Flávia et al. A Influência da televisão na educação **Revista de Estudos do Norte Goiano**, Vol. 1, nº 1, ano 2008, p. 205-230.

SILVERSTONE, Roger. **Televisión y vida cotidiana**. Buenos Aires: Amorrortu, 1994.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente: o Desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

PROFESSORES NOTA 10 – Informações sobre educação na Coreia. Disponível em <http://educarparacrescer.abril.com.br/gestao-escolar/professor-nota-10401069.shtml>
Acesso em: 13/12/2014.